


unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

RAFAEL CAVICHIOLLI TEIXEIRA

USOS DO SINAL  **NA LÍNGUA**
BRASILEIRA DE SINAIS: variação linguística e
gramaticalização.



ARARAQUARA – SP
2023

RAFAEL CAVICHIOLLI TEIXEIRA

USOS DO SINAL  **NA LÍNGUA**
BRASILEIRA DE SINAIS: variação linguística e
gramaticalização.

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Angélica T. Carmo Rodrigues.

ARARAQUARA – SP.
2023

T266u Teixeira, Rafael Cavichioli
 USOS DO SINAL 'COMO' NA LÍNGUA BRASILEIRA DE
 SINAIS: : variação linguística e gramaticalização. / Rafael Cavichioli
 Teixeira. -- Araraquara, 2023
 100 p.

 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
 Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
 Orientadora: Angélica Terezinha Carmo Rodrigues

 1. Língua brasileira de sinais. 2. Linguagem e línguas Variação. 3.
 Mudanças linguísticas. 4. Funcionalismo. 5. Sintaxe. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

RAFAEL CAVICHIOLLI TEIXEIRA

USOS DO SINAL  **NA LÍNGUA**
BRASILEIRA DE SINAIS: variação linguística e
gramaticalização.

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Análise Fonológica, Morfossintática, Semântica e Pragmática.

Orientadora: Angélica T. Carmo Rodrigues.

Data da defesa: 25/08/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidenta e Orientadora: Profa. Dra. Angélica T. Carmo Rodrigues
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Câmpus de Araraquara

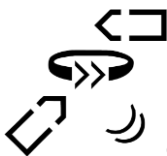
Membro Titular: Prof. Dr. André Nogueira Xavier
Universidade Federal do Paraná - UFPR

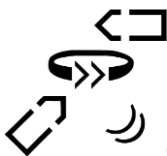
Membro Titular: Prof. Dr. Bruno Gonçalves Carneiro
Universidade Federal do Tocantins - UFT

Membros Suplentes: Prof. Dr. Tarcísio de Arantes Leite - UFSC
Prof. Dr. Felipe Aleixo - UFRR

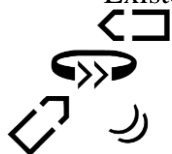
Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Câmpus de Araraquara


DEDICATÓRIA



O sinal em Libras de  é realizado com a configuração das duas mãos abertas, palmas para cima, dedos apontando uns para os outros, mão direita à frente e acima da esquerda, com movimento em círculo vertical para trás (sentido anti-horário). As pessoas surdas aprendem o português brasileiro com pessoas ouvintes, enquanto as pessoas ouvintes aprendem Libras com pessoas surdas. Assim, trocamos nossos conhecimentos: as pessoas surdas entram no mundo da cultura ouvinte e as pessoas ouvintes, no mundo da cultura surda.

Existem diferentes traduções possíveis em língua portuguesa para o sinal-termo



 . Neste caso, pode ser traduzido como cooperação. Surdos e ouvintes são parte da mesma espécie humana no planeta Terra, ambos devem ser valorizados e podem trazer benefícios uns para os outros compartilhando línguas, culturas e experiências visuais.

Apresento a imagem abaixo feita na ferramenta gratuita de design gráfico chamada Canva, uma ilustração criada para representar esse conceito. Na ordem, há o desenho de duas mãos humanas, a mão esquerda representando o mundo dos Surdos com a percepção dos olhos e compreensão das línguas de sinais como primeira língua, a outra mão representa o mundo dos ouvintes com o receptor das orelhas e compreensão das línguas orais como primeira língua. Para os Surdos a língua oral como escrita é segunda língua, para os ouvintes sinalizantes a expressão da língua de sinais ocorre como segunda língua. A seguir, está a montagem trazendo desenhos que representam as ideias por trás desse sinal da Libras:



Com essa apresentação eu abro esta dissertação, porque compartilho minha experiência acadêmica vivida durante esse contexto de pandemia, dedicando-a a cada pessoa que me ensinou e compartilhou comigo as minhas línguas, que passou pela minha vida até hoje, que interagiu comigo, que contribuiu para o meu desenvolvimento sobre este conceito que norteia meu trabalho profissional, meus estudos e minha vida pessoal: cooperação.

Dedicatória em Libras:




<https://youtu.be/dV5tGKwwXtY>

AGRADECIMENTOS

“Chega um momento em sua vida, que você sabe: Quem é imprescindível para você, quem nunca foi, quem não é mais, quem será sempre! (Charles Chaplin)”

Eu venho agradecer as muitas pessoas que participaram desse percurso do trabalho do meu mestrado como autor Surdo, elas que inspiraram a minha dissertação, com quem aprendi tanto durante a elaboração da mesma.

A minha família, cito minha mãe Valéria Ribeiro Cavichioli que era unespiana formada em História no campus Franca e meu tio Fernando Ribeiro Cavichioli, que era unespiano formado em Ciência da computação no campus São José do Rio Preto. Eles são irmãos unespianos que contribuíram para a minha evolução, para que eu me tornasse unespiano mestre em Linguística e Língua Portuguesa no Campus Araraquara. A minha tia Paula Tavares Pinto, doutora em Estudos Linguísticos no campus São José do Rio Preto, com quem pude encontrar no SeLin aqui em Araraquara. Minha mãe e minha avó me ensinaram a vida inteira.

Minha orientadora que desde o começo, quando entrei no mestrado, fez jus a esse sinal  e esse nome Prof^a. Dr^a. Angélica Rodrigues pela amizade, demonstrou o quanto valoriza essa parceria para a vida toda, pela compreensão, ensinamentos nos momentos de dúvida e, principalmente, pelo exemplo pessoal e profissional durante todo o processo. Ela me acompanhou em todas as disciplinas isoladas e obrigatórias, eventos e reuniões durante todo o mestrado, me possibilitou refletir, crescer, conhecer mais e evoluir e aprimorar na língua de sinais para ser um acadêmico mestre Surdo competente. Obrigado pelo apoio, pela confiança neste projeto em todas as horas, por me escutar com seus olhos em língua de sinais, por me dedicar tempo.

E continuando a citar professores que marcaram minha trajetória, cito um nome que me acompanhou desde o conhecido, amigo e pós-graduação: Diretor Prof. Dr. Jean Cristtus Portela que se preocupou em me incentivar e me mostrou o caminho certo que existe nessa profissão; o Coordenador da pós-graduação Prof. Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann, que me apoiou sempre para que houvesse acessibilidade nos espaços acadêmicos para os pós-graduandos Surdos e me encorajou com palavras positivas, e entre outras as professoras Dra. Gladis Massini-Cagliari e Dra. Rosane de Andrade Berlinck com quem tive trocas em conversas interessantes nos assuntos tratados em debates sobre a língua de sinais nas suas aulas. Os professores unespianos abriram as portas da universidade no campus Araraquara e me receberam em todas as disciplinas obrigatórias, com o acompanhamento de vários intérpretes de Libras e Língua Portuguesa, agradeço por todas as contribuições a mim e ao projeto.

Ao querido amigo Luís Miguel, gostaria de expressar meu profundo agradecimento pelo incentivo, pela revisão atenta e cuidadosa desta dissertação. Foi uma verdadeira troca de conhecimentos, onde eu o ensinei em Libras e ele me ensinou em língua portuguesa, demonstrando um belo exemplo de cooperação e amizade. Sua contribuição foi fundamental para a qualidade deste trabalho e sou imensamente grato por todo o apoio e dedicação. Muito obrigado, meu amigo.

Às queridas intérpretes de Libras Bianca Aparecida Medeiros, Jucemara Aguiar Sousa, Lis Maximo e Melo, gostaria de agradecer imensamente pelas interpretações e traduções em Libras e Língua Portuguesa durante as sessões e nas reuniões ao longo de todo o meu mestrado. Vocês foram fundamentais para que eu pudesse participar plenamente e compreender todas as informações e discussões. Seu trabalho foi de extrema importância para o meu sucesso neste percurso acadêmico. Meus sinceros agradecimentos a todas vocês.

A amiga mestra Surda Renata Rocha, me incentivou a não desistir do meu estudo de mestrado e compartilhou comigo sempre, para eu evoluir, os desafios da pesquisa e da vida.

Continuando a citar as pessoas amigas que me deram apoio, menciono aqui com muito carinho o grupo SignL que além das trocas em debates teóricos e práticas comigo, me fortalecem e me motivam com muito amor e paciência a continuar, a equipe: Alessandro Augusto de Souza Vasconcelos, Alessandra Pedrozo da Cruz, Isaack Saymon Alves Feitoza Silva, Lucio Cruz Silveira Amorim e Vanessa Miro Pinheiro. Lembrando anterior no grupo: Felipe Aleixo, Rimar Ramalho Segala, Juarez Domingos Crescêncio Neto, Sarah Cristina Pavarina Chiodi, Lais Fernanda Espinosa Pereira, Monique Évellyn Ayabe Cardoso de Siqueira e Eliane Francisca A. da Silva Ochiuto.

É importante mencionar o Primeiro Doutor Surdo unespiano Rimar Ramalho Segala, por ter me convidado para o curso da pós-graduação do programa de linguística e língua portuguesa e me apresentou nossa orientadora Angélica Rodrigues na oferta da disciplina isolada. Agradeço muito a ele por ter me indicado nossa orientadora e incentivado no caminho acadêmico.

Agradeço imensamente ao projeto Corpus de Libras da UFSC e ao projeto Minicorpus SignL da Unesp, que disponibilizam materiais para nós, pesquisadores da Libras. Essa disponibilidade torna nosso trabalho um pouco menos árduo e nos proporciona oportunidades de desenvolvimento enquanto pesquisadores Surdos. Sua contribuição é inestimável e sou grato por possibilitarem o acesso a recursos essenciais para o avanço dos estudos em Libras. Meus sinceros agradecimentos a ambos os projetos.

Quero deixar registrado o meu agradecimento e admiração por Beatriz Crittelli Cavalheiro. Ela é uma intérprete/tradutora que me ajudou realmente em atendimentos removendo a barreira de comunicação em Libras com médicos, enfermeiras, e outros nos hospitais públicos e privados.

A todas, todos e todes mencionados aqui, expresso meu profundo (agradecimento) do fundo do meu coração. Nunca me esquecerei de agradecer por suas valiosas contribuições.



RESUMO

Objetivo: O presente trabalho objetiva analisar, dentro de uma perspectiva funcionalista, os contextos de variação no uso do sinal de $\uparrow\downarrow\uparrow$ na língua brasileira de sinais, Libras. Analisamos os possíveis contextos de uso e as situações de comunicação (e os sentidos) desse sinal e suas variantes, regularmente usados em três tipos de perguntas e em orações subordinadas. Dessa maneira, o que propomos é averiguar se as variações de contexto de uso, significado, configuração das mãos (uma ou duas mãos) e uso de *mouthings* podem ser explicados a partir de processos de mudanças, inclusive de gramaticalização (Hopper; Traugott, 2003). Nossa hipótese é que os diferentes usos de $\uparrow\downarrow\uparrow$ podem indicar estágios de gramaticalização diferentes. **Metodologia:** Para embasar nossas análises, utilizaremos dados de dois corpúscos principais, a saber o *minicorpus* organizado pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Língua de Sinais da Unesp - SignL e do Corpus Libras, organizada por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina. Ambos os corpora são compostos por amostras de vídeos espontâneos produzidos por sujeitos Surdos, anotados no ELAN (Hellwing; Geerts, 2013), que é um programa para anotação de arquivo de vídeo. Os dados foram operacionalizados no Excel. **Resultados:** Nossos resultados preliminares apontam para variação sintática e semântica no uso do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow$ em contextos de pergunta plena, pergunta retórica, pergunta semi-retórica e sentenças subordinadas, em que é observada a coocorrência de *mouthings* como “como”, “para que”, “por que” e “o que” principalmente.




Palavras-chave: Libras; Variação; Mudança Linguística; Gramática Funcional; Sintaxe.

Resumo em Libras:



<https://youtu.be/y3dD-XxC9ns>

ABSTRACT

Goal: The present work aims to analyze, from a functionalist perspective, the contexts of variation in the use of the sign  in Brazilian Sign Language, Libras. We analyzed possible contexts of use, communication situations and the meanings of this sign and its variants, commonly used in three types of questions and in subordinate clauses. Therefore, what we propose is to verify if the variations in the context of use, meaning, handshape (one or two hands), and use of mouthing can be explained by processes of changes, including grammaticalization (Hopper; Traugott, 2003). Our hypothesis is that the different uses of  may indicate different stages of grammaticalization. **Methodology:** To support our analyses, we will use data from two main corpora, the mini corpus organized by researchers from the Research Group on Sign Language at Unesp - SignL and the Corpus Libras, organized by researchers from the Federal University of Santa Catarina. Both corpora are composed of samples of spontaneous videos produced by Deaf persons, annotated in ELAN (Hellwing; Geerts, 2013), which is a video file annotation software. The data were operationalized in Excel. **Results:** Our preliminary results point to variation in the use of the sign  in contexts of a direct question, rhetorical question, semi-rhetorical question and subordinate sentences, in which the co-occurrence of mouthings such as *como* ('how'), *para que* ('what for'), *por que* ('why') and *o que* ('what'), mainly, is observed.

Keywords: Libras; Variation; Linguistic Change; Functional Grammar; Syntax.

LISTA DE FIGURAS


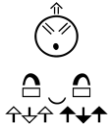








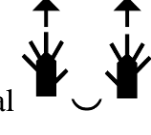


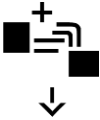




Figura 1 – Configuração de mão		21
Figura 2 – Sinal		21
Figura 3 – Sinal		22
Figura 4 – Sinal		23
Figura 5 – Sinal		24
Figura 6 – Sinal		25
Figura 7 – Sinal		26
Figura 8 – Sinal		26
Figura 9 – Sinal		28
Figura 10 – Genealogia das línguas de sinais adquiridas como línguas naturais e a família de Língua de Sinais Francesa (1760)		32
Figura 11 – Árvore genealógica da Língua de sinais – 3ª edição infográfico, 2020.		34
Figura 12 – Sinal		37
Figura 13 – Sinal		37

Figura 14 – Sinal		37
Figura 15 – Sinal		37
Figura 16 – Sinal		37
Figura 17 – Sinal		37
Figura 18 – Sinal		37
Figura 19 – A forma da mão aqui denominada <i>grappolo</i> ('muitos') conforme descrito na placa XXI em De Jorio (1832)		45
Figura 20 – Sinal  (Qalcachofra)		47
Figura 21 – Mapa mental do esquema no <i>Corpus Libras</i> da UFSC		54
Figura 22 – Gestos da boca – Ferradura		58
Figura 23 – <i>Microsoft Office Excel</i> – <i>print screen</i> da tabela de coleta de dados em Libras pela <i>Excel</i> – (SW) no <i>minicorpus</i> Signl Unesp e no <i>Corpus Libras</i> da UFSC		60
Figura 24 – <i>Continuum</i> de gramaticalização		82
Figura 25 – <i>Continuum</i> de gramaticalização do sinal 		84
Figura 26 – Intensidade de expressão facial		84
Figura 27 – Diagrama representando intersecção entre pergunta semi-retórica e sentença subordinativa		85
Figura 28 – <i>Continuum</i> de gramaticalização a partir das perguntas semi-retóricas para sentenças subordinadas		92

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição das quantidades de mãos – <i>minicorpus</i> Signl	66
Gráfico 2 – Distribuição das quantidades de mãos – <i>Corpus</i> da Libras	66
Gráfico 3 – Distribuição dos <i>mouthings</i> – <i>minicorpus</i> Signl	70
Gráfico 4 – Distribuição dos <i>mouthings</i> – <i>Corpus</i> da Libras	71
Gráfico 5 – Distribuição dos marcadores não manuais – <i>minicorpus</i> Signl	76
Gráfico 6 – Distribuição dos marcadores não manuais – <i>Corpus</i> da Libras	77
Gráfico 7 – Distribuição da função gramatical manuais – <i>minicorpus</i> Signl	80
Gráfico 8 – Distribuição da função gramatical manuais – <i>Corpus</i> da Libras	80
Gráfico 9 – Distribuição da função semântica – <i>minicorpus</i> Signl	83
Gráfico 10 – Distribuição da função semântica – <i>Corpus</i> da Libras	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplo nas glosas em Libras para ordem de distribuição sintagmática	27
Quadro 2 – Quadro sinótico das formas, acepções e categorias gramaticais indicadas em cada um dos materiais	29
Quadro 3 – Diferentes contextos de uso do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow$ $\uparrow\downarrow\uparrow$ na função semântica	93
Quadro 4 – Uso do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow$ $\uparrow\downarrow\uparrow$ na função gramatical	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Família de gestos <i>grappolo</i>	46
Tabela 2 – Tipos de dados linguísticos discutidos por Chafe (1994:18)	53
Tabela 3 – Distribuição dos números das mãos – <i>minicorpus</i> Signl	61
Tabela 4 – Distribuição dos números das mãos – <i>Corpus</i> da Libras	62
Tabela 5 – Distribuição dos <i>mouthings</i> – <i>minicorpus</i> Signl	67
Tabela 6 – Distribuição dos <i>mouthings</i> – <i>Corpus</i> da Libras	67
Tabela 7 – Distribuição dos marcadores não manuais – <i>minicorpus</i> Signl	78
Tabela 8 – Distribuição dos marcadores não manuais – <i>Corpus</i> da Libras	78


LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	Língua de Sinais Americana
DEWB	<i>Deaf Education – Without Borders</i>
ELAN	<i>Eudico Linguistic Annotator</i>
FCEE	Fundação Catarinense de Educação Especial
IC	Implante coclear
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
ISWA	Alfabeto Internacional de Escrita de Sinais
JPEG	<i>Joint Photographic Experts Groups</i>
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LIS	Língua de Sinais Italiana
LSF	Língua de Sinais Francesa
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PP	Pergunta plena
PR	Pergunta retórica
PSR	Pergunta semi-retórica
SC	Santa Catarina
Signl	Grupo de Pesquisa em Língua de Sinais da Unesp
SS	Sentença subordinada
TISLR	<i>Theoretical Issues in Sign Language Research</i>
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
Unesp	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

SUMÁRIO


1. INTRODUÇÃO.....	17
1.1. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA DO TEMA DA PESQUISA	18
2. Fundamentação teórica.....	20
$\begin{matrix} \square & \cup & \square \\ \uparrow\downarrow\uparrow & & \uparrow\downarrow\uparrow \end{matrix}$	
2.1 O SINAL $\uparrow\downarrow\uparrow \uparrow\downarrow\uparrow$ EM DICIONÁRIOS	20
2.2 FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO E AS LÍNGUAS DE SINAIS	29
2.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E GRAMATICALIZAÇÃO EM LÍNGUA DE SINAIS... ..	42
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	51
3.1 – FONTE DE DADOS.....	51
3.2 – CRITÉRIOS DE SELEÇÃO E EXCLUSÃO.....	54
3.3 – CATEGORIAS DE ANÁLISE: FUNÇÃO, PARÂMETROS E SIGNIFICADO ...	55
4. Resultados e discussão	61
4.1 CRITÉRIOS FORMAIS DE REALIZAÇÃO DO SINAL	61
4.1.1 NÚMERO DE MÃOS.....	61
4.1.2 MARCADORES NÃO MANUAIS	67
4.1.2.1 MOUTHINGS	67
4.1.2.2 SOBRANCELHAS, DOS OLHOS, DA CABEÇA, DOS OMBROS E NEUTRO. ...	76
4.2 CRITÉRIOS FUNCIONAIS E SEMÂNTICOS	80
$\begin{matrix} \square & \cup & \square \\ \uparrow\downarrow\uparrow & & \uparrow\downarrow\uparrow \end{matrix}$	
4.2.1 CONTEXTOS DE USO DO SINAL $\uparrow\downarrow\uparrow \uparrow\downarrow\uparrow$	86
4.2.1.1 PERGUNTA PLENA	86
4.2.1.2 PERGUNTA RETÓRICA.....	87
4.2.1.3 PERGUNTA SEMIR-RETÓRICA	88
4.2.1.4 SUBORDINAÇÃO	90
4.3 DISCUSSÃO	92
5. CONCLUSÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS.....	97

1. Introdução

O presente trabalho objetiva analisar, dentro de uma perspectiva funcionalista, os contextos de variação no uso do sinal  $\uparrow\downarrow\uparrow\uparrow\downarrow\uparrow$ ¹ na língua brasileira de sinais, Libras. Optamos por usar a escrita de sinais, *signwriting*, para identificar o sinal que é glosado nos dicionários de Libras como COMO e PARA QUE. Nossa escolha está ancorada em discussões como as empreendidas por Leite et al. (2021), que discutem que o uso de glosas “enviesa e simplifica a nossa compreensão sobre a semântica da Libras, direcionando nosso olhar inevitavelmente para palavras isoladas em português” (Leite et al., 2021, p. 20).



A partir da observação de dados naturalísticos, em que o comportamento do sujeito é observado de forma mais natural e espontânea, indicamos que o sinal glosado para o português seguidamente como COMO ou PARA QUE apresenta usos distintos que solicitam uma pesquisa mais aprofundada, dado que encontramos evidências de que a variação identificada no seu uso compreende, além de diferenças sintagmáticas, valores semânticos e funções gramaticais distintas.


Para verificar essa hipótese, analisaremos os possíveis contextos de uso e as situações de comunicação (e os sentidos) desse sinal, regularmente usados em perguntas plenas, perguntas retóricas, perguntas semi-retóricas e orações subordinadas. Dessa maneira, o que propomos é averiguar se as variações de contexto de uso, significado, configuração das mãos (uma ou duas mãos) e uso de *mouthings* (movimentos da boca) podem ser explicados a partir de processos de mudanças, inclusive de gramaticalização (Hopper; Traugott, 2003). Nossa

hipótese é que os diferentes usos de  $\uparrow\downarrow\uparrow\uparrow\downarrow\uparrow$ podem indicar estágios de gramaticalização diferentes.




Para a análise dos dados, utilizaremos de dois corpora principais, a saber o *minicorpus* organizado pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Língua de Sinais da Unesp - SignL e do Corpus Libras, organizado por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina. Esse *minicorpus* organizado pelos pesquisadores do SignL é constituído por dez vídeos

¹Anteriormente colocamos no título a mesma representação do sinal em *signwriting* (duas mãos ovais com movimento para frente e para trás). Cabe ressaltar que é possível omitir uma das mãos e manter o movimento para frente e para trás, por isso, esse sinal pode ter vários significados, com as possíveis traduções: “como”, “o que”, “porque” e “para que”. Apesar de constatarmos nos resultados desta pesquisa de que a maioria das ocorrências do sinal tem movimento circular e alternado, neste caso não é possível omitir uma mão e manter a outra mão oval com movimento circular. Além disso, para o sinal com movimento circular, só foram encontrados os sentidos de “como” e “para que” registrados nos dados encontrados nos corpus.

sinalizados produzidos por sujeitos Surdos² e publicados em grupos no *Facebook* que apresentam 19 ocorrências do sinal  (com *mouthings* “como”, “para que” e “o que”) foram registradas. Mais um corpus, organizado pelos pesquisadores da UFSC, possui três grupos compostos por vários vídeos, onde 82 ocorrências do sinal  (com *mouthings* “como”, “para que”, “por que” e “o que”) também foram registradas. Todas as 101 ocorrências foram anotadas através da utilização do programa ELAN (*Eudico Linguistic Annotator*).



O trabalho está organizado da seguinte forma: inicialmente apresentamos as descrições para o sinal  em cinco dicionários da Libras (um dicionário *on-line* e quatro dicionários físicos). Na seção 2, apresentamos uma fundamentação teórica sobre o funcionalismo linguístico e língua de sinais; a emergência de conjunção em língua oral e língua de sinais; e a variação linguística e gramaticalização em língua de sinais. Na seção 3, explicamos nossa metodologia de coleta e análise dos dados. Na seção 4, conversamos sobre os resultados de nossas análises. Finalmente, submetemos nossas conclusões e indicamos as referências bibliográficas.

1.1. Justificativa e relevância do tema da pesquisa

A trajetória de nossa pesquisa científica tem como tema os usos do sinal . Tal tema surgiu a partir de diversos estudos vistos, primeiramente, durante a disciplina de Semântica e Pragmática, no curso de Letras Libras em Licenciatura na UFSC em Florianópolis, em Santa Catarina. Ao longo da disciplina, especialmente ao estudarmos sobre o conteúdo de polissemia, a professora escreveu e mostrou na lousa, como ocorre em língua portuguesa, nas glosas: COMO e PARA QUE. As reflexões iniciais sobre essas glosas em língua portuguesa traduzidas para Libras nos levaram a pensar algumas questões dos sinais  . Como aconteceu a mudança linguística e a gramaticalização em Libras? Qual é a função gramatical do sinal .

² Aqui partiremos das ideias do sociolinguista James Woodward, de 1972, segundo o qual utilizar o termo Surdo, com a letra S maiúscula que condiz em não enxergar o Surdo como uma pessoa caracterizada por sua perda auditiva, e sim uma pessoa com uma diferença no diz respeito à sua condição de pertencer a um grupo minoritário e a ser respeitada por isso. Fonte: Padden e Humphries (1988).

Os estudos relacionados à gramática da Libras são recentes, especialmente ao lidarmos com a questão da “variação e mudança linguística”. Desse modo, a partir desta pesquisa, pretendemos apontar para a ampliação dos estudos na área, ampliando mais as reflexões relacionadas às línguas de sinais, ainda muito recentes no campo da Linguística.

Esta pesquisa, portanto, divide-se em duas partes: primeiramente, foram analisados brevemente os principais conceitos do sinal  nos dados de dois corpúsculos principais, a saber o *minicorpus*, organizado pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Língua de Sinais da Unesp – SignL, e do Corpus Libras, organizado por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina. Além disso, verificamos as possíveis consequências do uso de um ou de outro, uma vez que as implicações eram desconhecidas. Esse segundo aspecto teve como foco esclarecer esses contextos de uso e foi retomado com maior aprofundamento na seção sobre o sinal  em dicionários.

2. Fundamentação teórica

2.1 O sinal $\uparrow\downarrow\uparrow \uparrow\downarrow\uparrow$ em dicionários



Os dicionários *on-line* e impressos da Língua Brasileira de Sinais, geralmente, deixam claro o modo como o sinal é comumente utilizado na configuração de mão (figura 1); veja (figuras 2 e 3) para duas ilustrações destes sinais. Esse uso do sinal  $\uparrow\downarrow\uparrow \uparrow\downarrow\uparrow$, como demonstrado no dicionário, mostra que ambos são comumente utilizados pelos usuários, porém, acreditamos, surgem em contextos distintos.

Figura 1 - Configuração de Mão 



Fonte: Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (*on-line*)³

Figura 2 - Sinal  $\uparrow\downarrow\uparrow \uparrow\downarrow\uparrow$




https://youtu.be/RCv5_nFGgk8

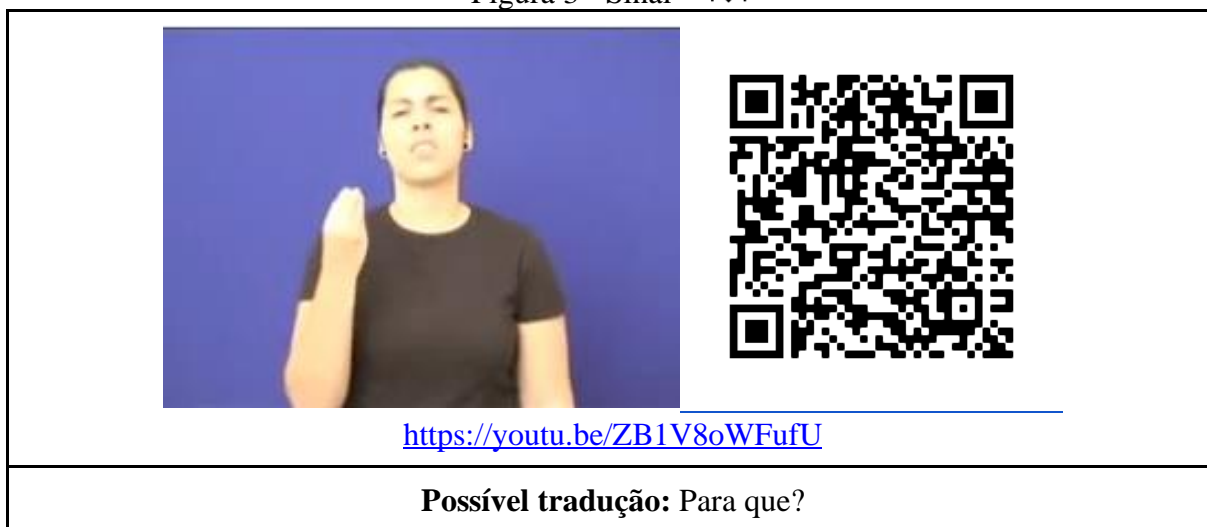
Possível tradução: Como?

Fonte: Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (*on-line*)

³ Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011. Disponível em http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/



Figura 3 - Sinal



Fonte: Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (*on-line*)


No entanto, é necessário analisar mais os dados e aprofundar as noções teóricas.

Seguindo o padrão da figura acima, apresentamos os dados da seguinte forma: na parte superior da legenda da figura, uma representação escrita de sinais denominada *signwriting*⁴; abaixo, exploramos fotos com imagens dos sinais (à esquerda); *QR-codes* que remetem a vídeos com os sinais em seu movimento natural (à direita); abaixo, uma possível tradução e a fonte. Nas figuras, fazemos referência à noção de “possíveis traduções” como uma estratégia adicional de desassociação dos sinais em relação a formas específicas do português, buscando sempre traduzir as frases com base no seu sentido global e na adequação pragmática da tradução aos contextos de uso de português (Leite et al., 2021, p. 11) da palavra e/ou frase para o português. Considerando as discussões de Leite et al. (2021, p. 5), buscamos ampliar a sensibilização do leitor com os dados empíricos em Libras, ao invés de apelarmos exclusivamente para glosas em português.

Na seção 3.3 – variação linguística e gramaticalização em língua de sinais, explicamos com mais detalhes em comum a configuração de mão chamada “mão de bolsa” ou “grupo de dedos” com base em Kendon (2004, p. 229), como mostraremos a figura 12.


⁴ *SignWriting* é um sistema de escrita visual direta através da qual é possível ler e escrever as línguas de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral (Sutton, 1996).

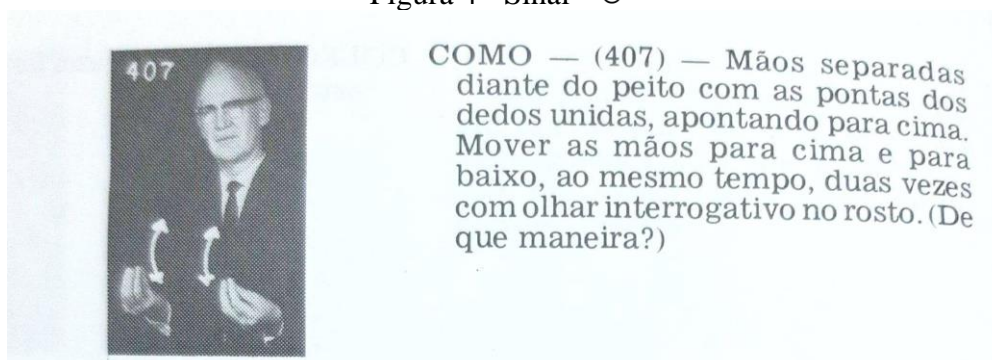
Consultamos cinco dicionários da Língua Brasileira de Sinais, sendo quatro deles

impresos e um deles on-line, pesquisando o modo como o sinal  é descrito, considerando a sua entrada, aceção, categoria gramatical, etc.


O dicionário impresso selecionado para compor a análise deste trabalho é intitulado *Linguagem das Mãos*, de autoria de Oates et al. (1969 e 1990). Esse dicionário reúne cerca de 1.300 sinais da libras em entradas as categorias como capítulo I - verbos; capítulo II - substantivos, adjetivos, advérbios, pronomes, preposições e conjunções; capítulo III - cores; capítulo IV - homem e família; capítulo V - alimentos e bebidas; capítulo VI - animais; capítulo VII - o mundo e a natureza; capítulo VIII - religião; capítulo IX; capítulo X - regiões do mundo; capítulo XI - estados brasileiros, territórios federais e capitais; capítulo XII - vestuário e acessórios; capítulo XIII - esportes e jogos recreativos; capítulo XIV - antônimos e capítulo XV - números: cardinais e ordinais.

Em Oates et al. (1969 e 1990), localizamos a entrada COMO, conforme a figura 4.

Figura 4 - Sinal 

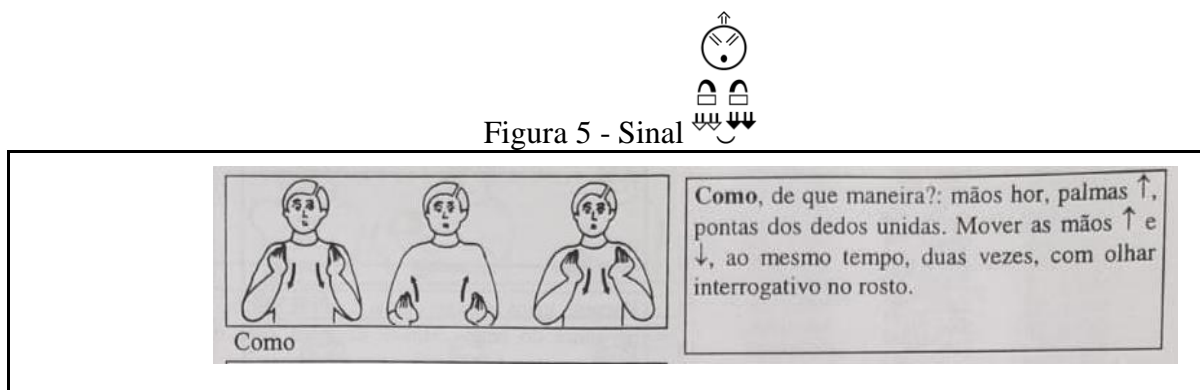


Fonte: Oates et al. (1969 e 1990, p. 102)


 é descrito como pertencente à categoria gramatical advérbio interrogativo de modo, com aceção de “De que maneira?”. Depois, comparamos com outro dicionário impresso, o *Manual Ilustrado de Sinais e Sistema de Comunicação em Redes para Surdos* de Capovilla et al. (1998), que conta com 256 páginas e não informou quantos sinais da libras possui e nem apresenta índice. No entanto, os títulos dos capítulos são de ordem semântico-


categorial: pronomes; pessoas; parentes; profissões; verbos I a IV; sentimentos; alfabeto; adjetivos I e II; advérbios e conectivos; expressões; numerais e quantidades; datas e tempos; eventos; lugares; transportes; casa e utensílios; objetos pessoais; vestuário; higiene e saúde - corpo humano; comidas; bebidas; natureza; lazer; religião; animais e obrigações.

Em Capovilla et. al (1998), encontramos um sinal parecido com aquele mostrado anteriormente na figura 4. O sinal é apresentado na figura 5:



Fonte: Capovilla et al. (1998, p. 54 e 55)




 é descrito como pertencente à categoria gramatical pronomes, com acepção de “De que maneira?”. Nós percebemos que ambos os autores consideraram que a função gramatical do sinal é a de pronome interrogativo. Ao compararmos com outro dicionário *online*, cujo nome é *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – versão 2* (2005 e 2006) e versão 3 (2011), percebemos que mudou pouco o movimento. A figura 2, mostra o sinal

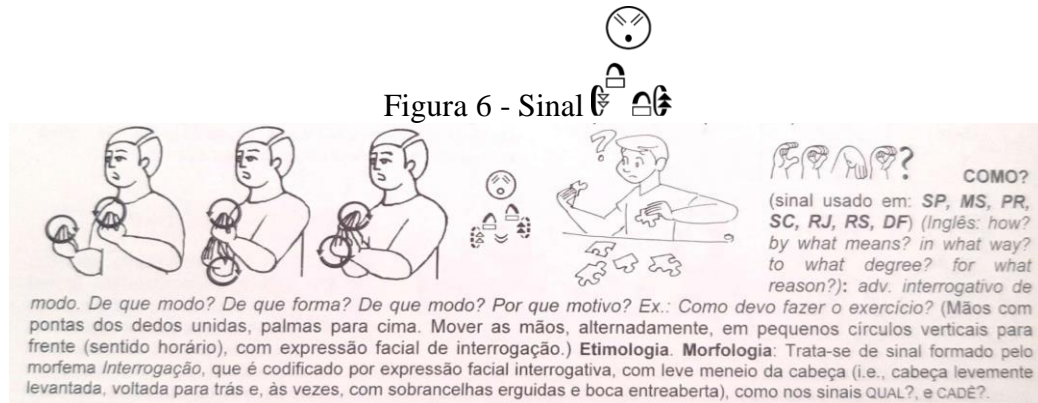

 como pertencente à classe gramatical advérbio, com acepção de “de que modo? de que maneira?”. Foi observado a falta da função gramatical, advérbio *interrogativo* de modo no dicionário on-line. O exemplo utilizado no dicionário para a referida palavra de entrada é “**Como** soube que eu terminei o namoro?”, com o seguinte exemplo em Libras para o Português nas glosas: EU TERMINAR-NAMORO COMO SABER?

No entanto, no *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos*, de autoria de Capovilla et al. (2017), que conta com 13 mil sinais da libras em (a) entradas lexicais individuais, ordenadas em ordem alfabética das palavras em língua portuguesa, o

signal mudou e passou a apresentar movimentos pequenos circulares verticais para frente





(sentido horário). A figura 6 mostra o sinal  , segundo esse dicionário:




Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 720)



  é descrito como pertencente à categoria gramatical advérbio interrogativo de modo, com aceção de “De que modo? De que forma? Por que motivo? O exemplo utilizado no dicionário para a referida palavra de entrada é “**Como** devo fazer o exercício?” e indica começar a pergunta direta na oração principal, o que não parece ser uma boa análise, já que a sentença em destaque não representa um caso de subordinação. O último dicionário impresso verificado, que é o *Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*, de autoria de Honora e Frizanco et al. (2011), volume 3, conta com 336 páginas e 1.002 sinais da libras em entradas com índice em ordem semântico-categorial: alfabeto; números; verbos; cereais; frutas; temperos; chás; verduras; legumes; comidas; cortes de carne; doces; sabores; lugares; tipos de cabelos; desastres de natureza; material de primeiros socorros; playground; enxoval; calçados; disciplinas escolares; valores humanos; profissões; adjetivos; animais; estilos musicais; instrumentos musicais; substantivos; materiais de construção; corpo humano; acessórios; pedras preciosas; signos; metais; refrigerantes; itens gramaticais; raças de gatos e raças de cães.


A figura 7 exhibe o movimento tremular envolvido na produção sinal, segundo esse dicionário:




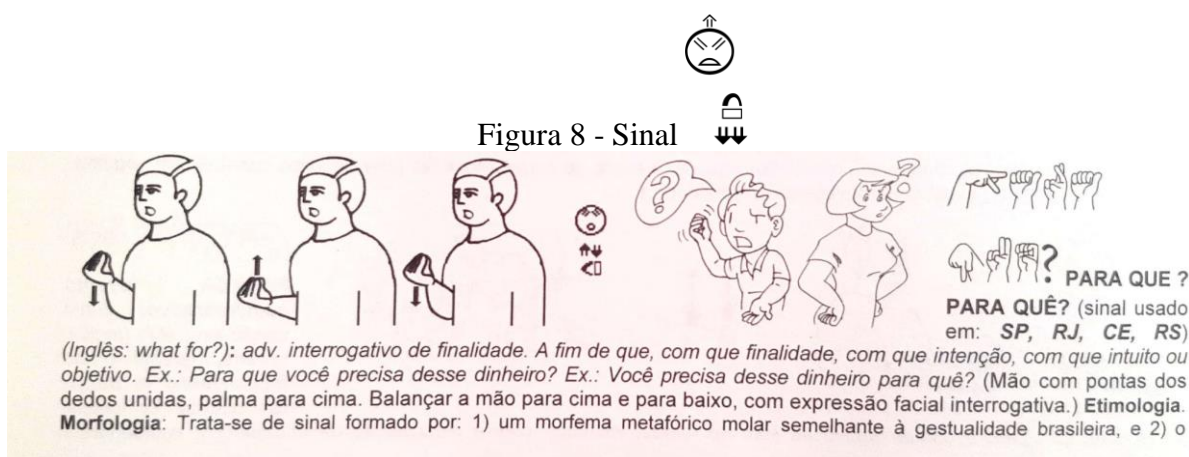
Figura 7 - Sinal 



Fonte: Honora e Frizanco et al. (2011, p. 296)


Esse mesmo dicionário descreve ainda o sinal , incluído no capítulo “itens gramaticais”. No entanto, faltou a expressão facial interrogativa e o movimento usado é tremular, o que também não parece ser uma representação adequada. Além disso, a ilustração parece inadequada, pois, embora a sobrançelha esteja marcada como dúvida, utilizou o sinal de pontuação como interrogação, mas não é fácil depreender o contexto de uso do sinal. Inclusive, na ilustração, a criança está segurando o que parece ser livros nas duas mãos, o que inviabilizaria a sinalização. Causa estranhamento essa ilustração pois não ajuda a entender o significado nem o contexto de uso do sinal.



Ainda em Capovilla et al. (2017, p. 2.093), o sinal com uma mão e a mesma configuração de mão  (oval) da figura 3 é apresentado:




Fonte: Capovilla et al. (2017, p. 2093)

O sinal foi descrito como pertencente à categoria gramatical de advérbio interrogativo de finalidade, com aceção de “a fim de que; com que finalidade; com que intenção; com que intuito ou objetivo”. O dicionário traz como exemplo de utilização da palavra a sentença “Você precisa desse dinheiro **para quê?**”. Há indicação de remissões e uma descrição do sinal por meio dos parâmetros das línguas de sinais.

Comparamos o sinal nas figuras 3 e 8 e percebemos que são iguais em configuração de mão  e número de mãos (apenas uma mão), mas diferentes em termos de movimento

( e , respectivamente).

O dicionário on-line em Libras da figura 3 mostra o sinal  como pertencente à classe gramatical locução adverbial, com aceção de “com que finalidade?; qual é a sua intenção?”. O exemplo utilizado no dicionário para a referida palavra de entrada é “Para que você quer tanto dinheiro?”, com o seguinte exemplo nas glosas: VOCÊ QUERER DINHEIRO MUIT@ PARA-QUÊ?

Dois exemplos parecidos foram descritos no dicionário impresso do Capovilla et al. (2017, p. 2.093) e no dicionário on-line da Língua Brasileira de Sinais da versão 3. Este primeiro dicionário não mostrou o exemplo em Libras, trouxe somente a definição e um exemplo de frase em português brasileiro e apresentou a função gramatical como advérbio interrogativo de finalidade. O segundo, por outro lado, não mostrou um exemplo de frase em Libras no registro do vídeo, mas mostrou um exemplo nas glosas em Libras para a ordem de distribuição sintagmática, conforme mostrado no Quadro 1 (elaborado pelo autor):

Quadro 1: Exemplo nas glosas em Libras para ordem de distribuição sintagmática:


Exemplo nas glosas em Libras:	VOCÊ QUERER DINHEIRO MUIT@ PARA-QUÊ?
Ordem de distribuição sintagmática:	Sujeito - verbo - substantivo - advérbio de intensidade - advérbio interrogativo de finalidade

Fonte: Elaborado a partir do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (on-line).

Fica claro, comparando o exemplo e a ordem de distribuição sintagmática, que aquilo que o dicionário on-line considera como função gramatical (locução adverbial), se deve ao fato de ter colocado a palavra glosada MUIT@, que corresponde a um advérbio de intensidade, junto à palavra glosada PARA-QUÊ?. Podemos inferir a glosa PARA-QUÊ? se trata de um advérbio interrogativo de finalidade, no entanto, faltou um registro em vídeo da frase em Libras, não sendo possível comprovar no exemplo qual é a função gramatical na ordem de distribuição sintagmática. Na tradução em Português Brasileiro o pronome


interrogativo está no começo da oração principal, enquanto no exemplo em glosas da Libras, está no final da oração subordinada como advérbio interrogativo de finalidade.

A figura 9 exibe o número de mãos, que é um sub-parâmetro da configuração de mão, segundo esse dicionário:

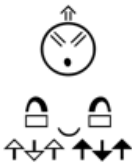







Figura 9 – Sinal 



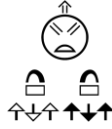

Fonte: Honora e Frizanco et al. (2011, p. 302)

Honora e Frizanco et al. (2011, p. 302) descrevem ainda o sinal  (figura 9), incluído no capítulo “itens gramaticais”, no entanto faltou a expressão facial interrogativa e não foi utilizado o sinal de pontuação de interrogação, mas foi adicionada a segunda mão no número de mãos, enquanto um sub-parâmetro da configuração de mão. Além disso, a ilustração parece inadequada, pois, mostra um tucano com o bico amarrado sentado no galho de uma árvore, sendo difícil estabelecer uma ligação com o sentido do sinal.

Quadro 2: Quadro sinótico das formas, acepções e categorias gramaticais indicadas em cada um dos materiais:

Sinal	Qr Code / Imagem	Acepções	Categorias gramaticais	Fonte
	 https://youtu.be/RCv5_nFGgk8	De que modo?; de que maneira?"	Advérbio	Dicionário da Língua Brasileira de Sinais - Versão 3.
	 https://youtu.be/ZB1V8oWFuU	Com que finalidade?; qual é a sua intenção?	Locução adverbial	Dicionário da Língua Brasileira de Sinais - Versão 3.
		De que modo?; de que forma?; por que motivo?	Advérbio interrogativo de modo	Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos. v. 1: Sinais de A a D.
		A fim de que; com que finalidade; com que intenção; com que intuito ou objetivo	Advérbio interrogativo de finalidade	Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos. v. 3: Sinais de P a Z.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Percebemos que a imagem mostrada anteriormente na figura 9  apresenta o sinal com duas mãos, o qual tem a mesma configuração do sinal da figura 8 , que por sua vez apresenta uma única mão.

Discordamos da forma como os exemplos de frases em português e em glosas de dicionários de Língua Brasileira de Sinais (Libras) são apresentados, incluindo as acepções e categorias gramaticais. Também consideramos que os desenhos dos sinais não foram adequados para explicar como desempenhá-los, por exemplo, em relação ao movimento. As ilustrações que os acompanham para representar os conceitos também não expressaram corretamente o sentido dos sinais (uma frase foi ilustrada com o sentido oposto ao que pretendia expressar) ou não o fizeram de forma clara (uma imagem sem ligação direta com o sinal), por serem exemplos abstratos desconectados da aplicação do sinal na vida cotidiana. É importante que os dicionários tragam exemplos de frases em Libras registrados em vídeos e

que estes reflitam situações autênticas e reais, de modo a proporcionar aos usuários uma compreensão mais abrangente e significativa da língua de sinais em uso.

Ainda assim, é preciso reconhecer o valor das pesquisas iniciais a respeito de línguas de sinais. As propostas de Eugênio Oates (1969), Fernando Capovilla et. al (1998 e 2017), Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza (2006 e 2011), Marcia Honora e Mary Lopes Esteves Frizanco (2011) de dicionários de Libras foram elaboradas em um momento da história em que não havia tecnologias digitais amplamente difundidas para que outras formas de registro fossem utilizadas.

Na próxima seção, apresentamos uma fundamentação teórica sobre o funcionalismo linguístico e língua de sinais; e a emergência de conjunção em língua oral e língua de sinais.

2.2 *Funcionalismo linguístico e as línguas de sinais*

O funcionalismo foi fundado pelo tcheco Vilém Mathesius (1926 - 1950). A teoria funcionalista surgiu das ideias do Círculo Linguístico de Praga em 1926 na capital da República Tcheca. O que caracteriza esta escola de estudos linguísticos? Conforme a autora Neves (2021, p. 33):

A Escola de Praga é caracterizada como um estruturalismo funcional, sendo de domínio comum a afirmação das *Thèses* (1929) do Círculo Linguístico de Praga de que a língua é um sistema funcional, no qual aparecem, lado a lado, o estrutural (sistêmico) e o funcional.

A utilização dos termos *função*, *funcionalismo* e *funcional* em foco nos estudos linguísticos está na Escola de Praga, no entanto, segundo Danes (1987:4), não é tarefa fácil verificar a interpretação que ela dá a esses termos. O desenvolvimento da visão funcionalista teve a contribuição de Halliday (1973a:104), para quem o termo função refere-se ao papel que a linguagem desempenha na vida dos sujeitos, servindo a muitos e variados tipos universais de ação, mas não aos papéis que as classes de palavras ou os sintagmas desempenham dentro da estrutura das unidades maiores. Os termos funcionalismo e gramática funcional são usados para definir “uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social” (Neves, 2021, p. 15). As gramáticas funcionais, diz Halliday (1985), interpretam a língua como uma rede de relações, entendendo as estruturas como a realização das relações e enfatizando variações entre línguas diferentes;

toma a semântica como base (gramática natural); organiza-se, desse modo, em torno do texto ou discurso.

Considerando a aplicação dessa teoria às línguas orais a partir das citações anteriores, por outra perspectiva, é possível entender que as línguas de sinais dos Surdos também têm uma gramática natural? Essa questão diz respeito à seguinte razão, conforme as autoras Dizeu e Caporali (2005, p. 584): “a criança surda adquire de forma espontânea sem que seja preciso um treinamento específico”.

O reconhecimento linguístico das línguas de sinais ocorreu a partir dos estudos descritivos do linguista americano William Stokoe em 1960. Nos últimos 60 anos, os linguistas Surdos e ouvintes das línguas de sinais passaram a ser contemplados cientificamente, pois antes essas línguas não eram reconhecidas como línguas verdadeiras.

No Brasil, um marco histórico para a pesquisa sobre línguas de sinais foi o primeiro evento internacional dedicado à linguística de língua de sinais, denominado como 9º Congresso Internacional de Aspectos teóricos das Pesquisas nas Línguas de Sinais (*TISLR – Theoretical Issues in Sign Language Research 9*) – sediado pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, SC, em dezembro de 2006, que contou com pesquisadores de diversos países.

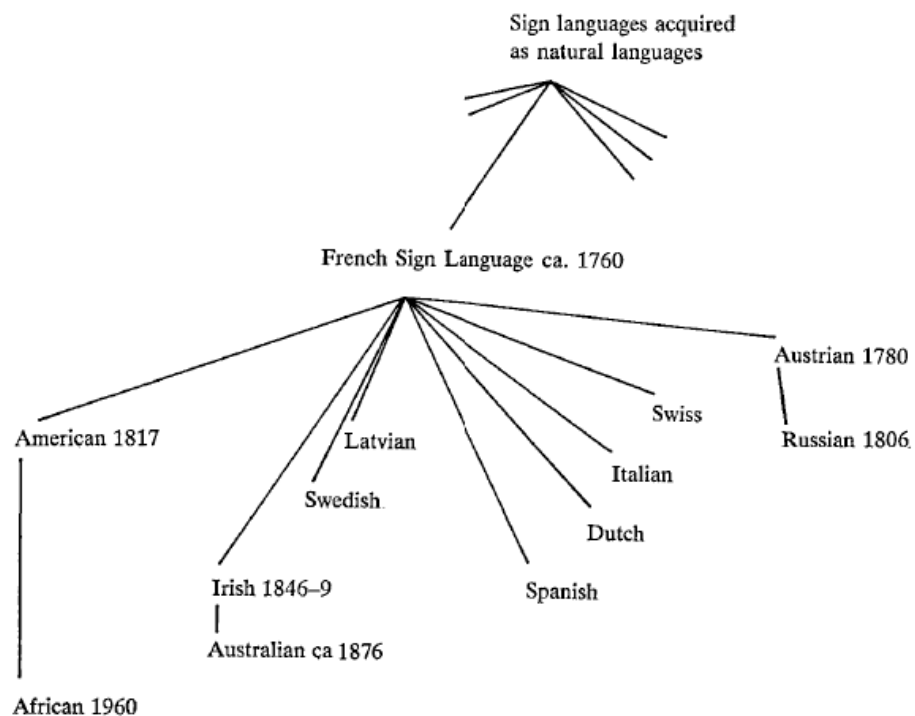
As línguas de sinais apresentam uma modalidade linguística específica, relacionada ao seu canal de percepção visual. As expressões sinalizadas, utilizadas pelas comunidades surdas, não são aprendidas pelos sujeitos Surdos por meio dicionários ou manuais de gramática em língua de sinais, mas sim graças aos enunciados concretos que “ouvem” com mais prazer pelos olhos, de forma muito natural, e expressam na comunicação natural com os sujeitos Surdos nos contatos de uso da língua.

O funcionalismo linguístico tem como foco de análise os usos linguísticos e os processos de mudança, por meio de uma abordagem discursiva (cf. Ilogti de Sá, 2015; Castanheira; Cezario, 2016; Freitas et al. 2018; Machado Vieira, 2020). Chegou ao Brasil na década de 1980, nas pesquisas funcionalistas sobre língua oral. Depois, tiveram início as análises do funcionalismo linguístico em relação à língua de sinais. Desde o ano de 2018 até o momento atual, o Grupo de Pesquisa em Língua de Sinais da Unesp de Araraquara - SignL, que tem como coordenadora responsável pelo projeto a profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues, com a participação de pesquisadores Surdos e ouvintes, que realizam pesquisas a partir dessa perspectiva teórica (cf. Rodrigues; Souza, 2019; Rodrigues, 2019; Aleixo, 2021; Crescêncio Neto, 2021; Rocha, 2023; Vasconcelos, 2023).

Pesquisas que realizam análises funcionalistas a respeito de línguas são diversas (cf. Hopper, Traugott, 2003), principalmente no caso das línguas orais, e oferecem evidências de que a gramaticalização é um processo ligado à emergência de elementos gramaticais, como preposições, verbos auxiliares, artigos e conjunções, etc.

Entende-se agora a definição de conjunção como uma locução ou palavra invariável que relaciona duas orações ou dois termos que exercem a mesma função gramatical numa mesma oração. De acordo com Meillet (2020, p. 102), a conjunção surgiu ao longo da história das línguas indo-europeias apresentando conjunções muito diferentes umas das outras. Ele explicou anteriormente o que é a conjunção e como surgiram as relações entre as línguas indo-europeias e as línguas de sinais. No que concerne à nossa teorização das relações e diferenças, as línguas indo-europeias e línguas de sinais são consideradas historicamente separadas, pela diversidade de uso das conjunções em cada língua. As línguas de sinais são adquiridas como línguas naturais. Existe a família da Língua de Sinais Francesa (1760) mostrada na figura 10, a partir da pesquisa de Stokoe (1974, p. 365). O inventário das línguas de sinais adquiridas nativamente está longe de ser completo, pois a identificação dessa classe e os critérios semióticos e sociolinguísticos para distingui-la de outros tipos de línguas de sinais só agora apareceram.

Figura 10 – Genealogia das línguas de sinais adquiridas como línguas naturais e a família de Língua de Sinais Francesa (1760)



Fonte: Stokoe (1974, p. 365)

Na figura 10, mostrada anteriormente, faltou o surgimento de uma língua de sinais no Brasil, relacionando com a língua-mãe, que é a língua de sinais na França de 1760. Isso aconteceu na segunda metade do século XIX. Em 1855, chegou ao Brasil o professor francês Surdo Edouard Huet⁵ no Instituto Nacional de Educação de Surdos (nomeado Imperial Instituto dos Surdos-Mudos) – INES no Rio de Janeiro. A Libras foi acrescentada à árvore genealógica da Língua de Sinais (terceira edição, 2020), conforme a figura 11.

⁵ Nesta pesquisa foi utilizado o nome original de Edouard Adolphe Huet (KNAPIK e SOLANGE, 2022), para evitar confusões com outros nomes encontrados na literatura acadêmica tais como Ernest; Ernesto; Hernest e Eduard.

Figura 11 – Árvore genealógica da Língua de sinais – 3ª edição infográfico, 2020.



Fonte: Deaf Education – Without Borders. Disponível em: <<https://scroller.com/sign-language-family-tree-b0e5zrw4uz>>.

A figura 11, contendo a árvore genealógica da Língua de sinais, foi postada no site do evento do Congresso da Federação Mundial de Surdos, sem a atribuição de um autor, na página *Deaf Education – Without Borders*. Foi apresentada em um estande de exibição gratuita por dois dias no Congresso da Federação Mundial de Surdos em julho de 2019 em Paris, na França, que contou com 2.400 participantes de 137 países. Foi possível obter feedback e comentários sobre a árvore genealógica da língua de sinais como um dos projetos

do DEWB (*Deaf Education – Without Borders*). Entretanto, esse infográfico, além de não mencionar a autoria, não tem comprovação científica de fontes de pesquisa que demonstrem as relações entre as línguas. Existe outra fonte considerada como confiável pela comunidade acadêmica, que é denominada Ethnologue.com, mas a linguista Surda Carol Padden (2011, p. 20) critica essa fonte pois percebeu que essa referência agrupa todas as línguas de sinais de comunidades surdas como se elas fizessem parte de uma única família, devido à dificuldade de se estabelecer as relações entre essas línguas tal como é feito com as línguas orais. Nesse sentido, é importante ressaltar que todas essas línguas de sinais não descendem de um único ancestral comum.

Portanto, veja a árvore genealógica da Língua de Sinais, onde está esquema da Língua de Sinais Francesa (*Old French Sign Language*) – Antiga LSF relacionada à Língua de Sinais Americana (*American Sign Language*) – ASL moderno e à Língua de Sinais Francesa (*French Sign Language*) – LSF moderna e também à Língua Brasileira de Sinais (Libras). A influência da ASL sobre a Libras pode ser atribuída, em alguma medida, ao Padre Eugênio Oates, que publicou um dicionário intitulado "Linguagem das Mãos", de sua autoria (OATES *et al.*, 1969; 1990). Ele permaneceu em Manaus, onde manteve contato com a comunidade surda por 20 anos (COSTA, 2022). A influência da LSF, por outro lado, foi por causa do primeiro professor francês Surdo Edouard Huet (1855)⁶ e ex-aluno Surdo do INES, Flausino José da Costa Gama, que aos 18 anos, publicou *Iconografia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, considerado o primeiro dicionário de língua brasileira de sinais, produzido em 1875. No entanto, conforme a autoria Sofiato (2011, p. 58):

O fato da publicação é real, mas o pioneirismo é mito, já que a obra não pode ser considerada original, visto que Flausino a reproduziu fielmente com base num exemplar francês.

A autora considerou Flausino (1875) uma grande referência apesar de não ter pioneirismo, pois reproduziu a obra com os mesmos sinais encontrados e apresentados no

⁶ A educação pública de Surdos na França deu início à língua de sinais francesa, que, por sua vez, pode ter contribuído para a origem da língua de sinais americana nos Estados Unidos. Após cerca de 100 anos da criação da primeira escola de Surdos na França, essa língua de sinais chegou ao Brasil. Dom Pedro II convidou um professor Surdo francês que utilizava a língua de sinais francesa para educar seus netos Surdos, o que culminou na fundação do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos). Algum tempo depois, esse professor mudou-se para o México, onde passou a ensinar na primeira escola de Surdos do México, o que provavelmente favoreceu a standardização da Língua de sinais mexicana. Essa relação histórica entre a Língua de sinais francesa, a Língua brasileira de sinais e a Língua de sinais americana sugere uma provável "árvore genealógica" de línguas de sinais, especialmente considerando a responsabilidade dos Surdos na disseminação e ensino dessas línguas.

dicionário do Surdo francês Pierre Pélissier. A obra de Gama (1875) conta com 399 sinais, dentre esses, alguns sinais de que o autor categoriza como “preposições e conjunções”.

No que se refere à emergência de conjunções, tema deste trabalho, Hopper e Traugott (2003, p. 184) afirmam que seu desenvolvimento histórico é similar ao de outros itens gramaticais, tendo como fonte nomes, verbos, advérbios, pronomes, morfemas de caso, afixos derivacionais e combinações sintagmáticas (perífrases). As línguas indo-europeias perdem as conjunções ao longo da história, onde as observamos. Com base em Meillet (2020, p. 111), a conjunção final do latim era *ut*, cujo sentido inicial (“como”) não a designava especificamente para esse uso. Tendo se tornado muito fraca para esse sentido, que requer uma expressão bastante forte, *ut* desapareceu em todas as línguas românicas. Meillet (2020) ainda afirma que,

[...] que assumiu seu lugar, não existe mais com esse valor senão na sentença: *Ôte-toi que je m’y mette*, e a conjunção final do francês é *pour que* (ou, sobretudo na língua escrita, *afin que*). O francês *pour que* é demasiado fraco atualmente e parece insuficiente.

De acordo com Meillet (2020, p. 111), essa frase anteriormente traduzida para o português era: “Saia daí para que eu me ponha no seu lugar” (*Ôte-toi que je m’y mette*). Essa conjunção final do francês *pour que*, que em português significa “para que”, perdeu a sua função gramatical.

Em nota do tradutor, Bagno (Meillet, 2020, p. 108), afirma que a “gramaticalização recíproca de interrogativos e relativos é comum em diversas línguas. Em português, por exemplo, as formas “que”, “qual”, “quem”, “quanto”, “onde” e “como” funcionam tanto como interrogativos quanto como relativos. A forma “cujo”, atualmente usada apenas como relativo, era um interrogativo em fases antigas da língua: *Cuja é esta caveira?* (“De quem é esta caveira?”) (Pe. Antônio Vieira)”.

Por outro lado, no que diz respeito à gramaticalização de conjunções em Libras (Rodrigues, 2022, p. 53), as formas causais correspondem às conjunções adversativas, causais


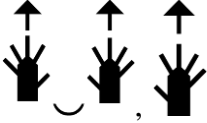

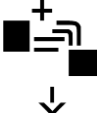



e condicionais em Libras, e incluem os sinais ,  (formas variantes como “mas”),  (“porque”),  (“por isso, por causa de, razão e motivo”),  (“se”) e  (“exemplo”). Identificamos esses sinais nas figuras abaixo:

Figura 12 – 

Figura 13 – 

Figura 14 – 



Fonte: Rodrigues (2022, p.68).


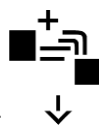
Figura 15 – 

Figura 16 - 



Fonte: Rodrigues (2022, p.98).



Figura 17 – 

Figura 18 - 



Fonte: Rodrigues (2022, p.56 e 57).

Exemplos de frases em Libras correspondentes às conjunções adversativas:

Exemplo 1 – sinal  no corpus Libras UFSC:

(1)

				
GRUPO	SURDO	ESCOLA		
				
ENSINAR	LINGUA-DE-SINAIS	INTERAGIR	E(positivo)	MAS2
				
IX(aquele)	OUVIR	CULTURA	E(esperar)	FALAR-ORAL
				
ESTUDAR	E(deixar)	IX(aquele)	JUNTAR	PROCESSO
		 https://www.youtube.com/watch?v=7iN3hPYK1hc		
DEMORAR	AS-VEZES			

Possível tradução: Na escola, os surdos interagem em língua de sinais, é bom, mas os ouvintes têm cultura oral, então juntar os dois grupos é difícil às vezes.

Fonte: adaptado de Rodrigues (2022, p. 72).



Exemplo 2 – sinal

no corpus Libras UFSC:

(2)

X(eu) PREFERIR SURDO

LÍNGUA-DE-SINAIS MAS1 IX(eu) DESCULPAR

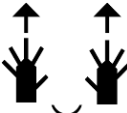
HOMEM^CASAR OUVINTE SURDO E(positivo)

SABER LÍNGUA-DE-SINAIS

<https://www.youtube.com/watch?v=3YK0-KCJII>

Possível tradução: Eu prefiro (interagir) com surdo, mas eu sou casada com um ouvinte que sinaliza.

Fonte: adaptado de Rodrigues (2022, p. 72).


Exemplo 3 – sinal  no *minicorpus* SignL Unesp⁷:

(3) INDEX3 PALAVRA H-O-M-O-S-S-E-X-U-A-L SÓ HOMEM MAS2' SER-NÃO
MULHER USAR PALAVRA H-O-M-O-S-S-E-X-U-A-L

Possível tradução: As pessoas acham que a palavra homossexual é usada apenas para homem, mas é usada também para mulher.


Fonte: adaptado de Rodrigues (2022, p. 75).

Aqui estão alguns exemplos de frases em Libras correspondentes às conjunções causais:

Exemplo 4 – sinal  no corpus Libras UFSC:

(4) 
IX(eu) LÍNGUA-DE-SINAIS MOTIVO FACULDADE DENTRO


FACULDADE CONTATO PEDAGOGIA TER GRUPO


SÓ SURDO



<https://www.youtube.com/watch?v=ksAXNb7IV0I>

Possível tradução: Eu usava Libras porque na faculdade de pedagogia tinha um grupo de surdos.

Fonte: adaptado de Rodrigues (2022, p. 109).

⁷ Não permitiu para uso da imagem do autor do vídeo.

Exemplo 5 – sinal  no corpus Libras UFSC:


(5)



GOSTAR SURD@ PORQUE É

SURD@ COMUNICAR LÍNGUA-DE-SINAIS

CONTATO INTERAGIR FELIZ



<https://www.youtube.com/watch?v=yzUO3jZ7d-c>

Possível tradução: Eu gosto de estar com surdos porque podemos nos comunicar em Libras, me sinto feliz.

Fonte: adaptado de Rodrigues (2022, p. 110).


Seguem exemplos de frases em Libras correspondentes às conjunções condicionais:



Exemplo 6 – sinal ■ no corpus Libras UFSC:


(6)

SINAL(FCEE)	NÃO-É	ESCOLA	NÃO
ESTUDAR	NÃO-É	ESTUDAR	NÃO É
CENTRO	Y(tratar)	SE	IX(eu) TER
DIFÍCIL			



<https://www.youtube.com/watch?v=BedLCjyywPg>

Possível tradução: FCEE não é uma escola, é um centro que a pessoa pode ir se tiver dificuldade de aprendizagem.

Fonte: adaptado de Rodrigues (2022, p. 141).

Exemplo 7 – sinal ** no corpus Libras UFSC:

(7)



EXEMPLO QUERER IC (implante coclear) QUER-NÃO

IC (implante coclear) DEPENDE

<https://www.youtube.com/watch?v=GXVu-01dR5A>

Possível tradução: Se quiser implante coclear, ou se não quiser implante coclear, depende de cada pessoa.

Fonte: adaptado de Rodrigues (2022, p. 140).

Esses setes exemplos do uso das conjunções adversativas, causais e condicionais em Libras demonstram sua aplicação na estruturação de frases e expressão de relações de oposição, causa e condição. No entanto, é importante ressaltar que as pesquisas e estudos nessa área ainda estão em andamento, contribuindo para um maior entendimento e aprimoramento do uso das conjunções em Libras. Essas novas investigações fornecem uma base sólida para a elaboração de dissertações de mestrado e teses de doutorado, promovendo o avanço do conhecimento em Libras e suas aplicações linguísticas.

Na próxima seção, apresentamos uma fundamentação teórica sobre a variação linguística e gramaticalização em língua de sinais.

2.3 Variação Linguística e gramaticalização em língua de sinais


Desde a criação do modelo fundado por Labov (1972) para análise sociolinguística de variação e mudanças, pesquisas têm sido realizadas nessa área com a intenção de desvendar os fatores sociais, e sua relação com processos linguísticos, estabelecendo importantes considerações entre língua e sociedade. Labov (2008 [1972], p. 21), afirma que,

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

Desse modo, o conceito clássico de variação de Labov (1972) são 2 ou mais itens lexicais que têm mesma função/significado no mesmo contexto. O seu fenômeno pode ser variação fonológica (uma ou duas mãos, *mouthing*) ou pode ser mudança histórica: começa com duas mãos e depois fica só uma. De todo jeito, não temos como provar como ocorreu essa variação. Ainda assim, ao estabelecer um parâmetro com a presente pesquisa, podemos pensar nos fatores sociais que podem influenciar a ocorrência de um ou outro sinal em Libras.

Além disso, a “corrente da sociolinguística apresenta uma metodologia específica de coleta e codificação dos dados que permitem ao pesquisador analisar a diversidade linguística, aparentemente caótica na comunicação do dia a dia. Trabalha a partir de dois conceitos principais: variação e mudança.” (Sell; Gonçalves, 2011, p. 19).

De acordo com Sell e Gonçalves (2011), pode-se conceituar os termos gerais de variação e mudança como o conjunto de variantes para um mesmo significado que existem numa comunidade falante ou sinalizante de contato de língua. Esses autores explicam que as variantes podem aparecer nos níveis fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático, ou ainda podem ter uma caracterização regional e/ou social. Já a mudança linguística está associada à ideia de que as línguas orais, ou línguas de sinais variam no tempo e no espaço.


Em nossa pesquisa, as variações dos sinais  mobilizam os aspectos fonológicos e morfológicos (pois há mudanças nos parâmetros fonológicos da Libras), e, conseqüentemente, pragmáticos, mas que ainda carecem de maior investigação para se verificar as efetivas utilizações desses sinais. Xavier e Barbosa (2013, p. 127) evidenciaram que a realização, com duas mãos, de alguns sinais da libras normalmente feitos com uma mão, pode ser motivada por fatores de natureza semântica. Além disso, verifica-se que esses sinais podem ter tido influência de imigrantes italianos, perpassando os aspectos semânticos e lexicais. É preciso investigar, no entanto, as variações existentes desses sinais, em relação aos sinais canonicamente utilizados (figura 2, por exemplo), para verificarmos os processos de variação e mudança desses sinais.


Quanto à relação entre variação e mudança, é preciso ressaltar que, embora a língua seja um conjunto de variedades, nem toda variação necessariamente leva à mudança


linguística. Como bem explica Tarallo: “[...] nem tudo que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação!” (Tarallo, 1993, p. 63).

As comunidades surdas têm contato a Língua Brasileira de Sinais e algumas variações; de acordo com Labov (2008 [1972]), duas ou mais variantes só estarão em variação se puderem ocorrer em um mesmo contexto, mantendo o mesmo valor de verdade ou a comparabilidade funcional (Lavandera, 1978, 1984).



Tal como existem regras nas quais o sinalizante usa certas variantes para o mesmo sinal, como por exemplo, a configuração de mão oval (conforme mostra figura 1) com as duas

mãos  (mostrado na figura 2), também existe um uso diferente para sinalizar o para

que, que solicita o uso de uma mão para realização do sinal  (conforme mostra figura 3),

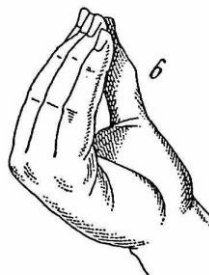
com  (mão com pontas dos dedos unidas, palma para cima) de configuração de mão.

Mostraremos também um exemplo do português brasileiro falado, com a finalidade de tentarmos explicitar o que entendemos como regras variáveis: quando um sujeito falante produz o som do verbo “conhecer” houve, em determinado momento, a suspensão do “r”, passando a ser pronunciado como “conhecê”, configurando-se como uma regra variável, nas formas verbais do futuro do subjuntivo e em palavras com mais de uma sílaba.

A falta de registros históricos requer outra metodologia para análise diacrônica do sinal  e  na Libras.

Com base em Kendon (2004, p. 229), como mostra a figura 12, percebemos que esse sinal pode ter uma fonte gestual:

Figura 19 - A forma da mão aqui denominada **grappolo** ('muitos') conforme descrito na placa XXI em De Jorio (1832)



Fonte: Kendon (2004, p. 229)

A figura 19 mostrada anteriormente e o sinal têm em comum a chamada “mão de bolsa” ou “grupo de dedos” – denominada por Kendon como *grappolo*. De acordo com o autor:

A palavra italiana *grappolo* é atraente porque é usada para se referir a coisas como um cacho de uvas ou uma colmeia de abelhas quando pendurada em um cacho de árvore, que muitas vezes tendem a ter uma forma cônica semelhante à forma da mão para a qual estamos aplicando este termo (...) em que os dedos estão estendidos, mas flexionados nas juntas e unidos para que estejam em contato uns com os outros em suas extremidades (Kendon, 2004, p. 228-229).


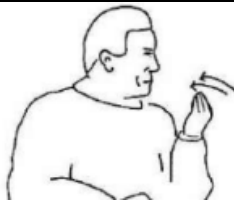
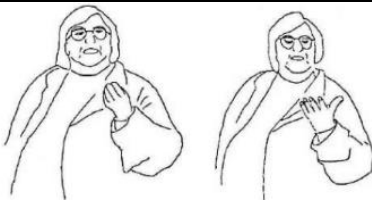





Está presente em gestos italianos que estão empregados quando o orador está fazendo certos tipos de perguntas ou exigindo uma explicação ou justificativa para alguma coisa. Esse é o gesto que foi descrito por Poggi (1983) e Kendon (1995) sob a apresentação do nome de *la mano a borsa* na tradução em língua italiana para língua portuguesa como “a mão de bolsa”. Apareceu várias vezes em vocabulários de gestos italianos como um gesto usado para fazer uma pergunta (ver, por exemplo, Munari 1963, Diadori 1990) e foi descrito por de Jorio (2000, p. 129).

Ainda em relação a Kendon (2004, p. 209), o autor afirma que existem quatro formas de expressão diferentes com a configuração de mão de bolsa, que são as seguintes:

- A) Mão com movimento de fechamento de dedos;
- B) Mão de dedos unidos com movimento para trás repetidamente;
- C) Mão de dedos unidos se abre espalmada;
- D) Mão de dedos unidos com movimento para baixo.

Na tabela 1 a seguir, apresentamos as imagens dessa família de gestos presentes na obra e acrescentamos sua representação em signwriting.

Tabela 1 - Família de gestos *grappolo*

A)	B)	C)	D)
 (p. 230)	 (p. 233)	 (p. 235)	 (p. 237)
			

Fonte: adaptado a partir de Kendon (2004), transcrição própria em signwriting.

Foi encontrado um *e-book* de manual italiano de gramática na publicação: *A Grammar of Italian Sign Language (LIS)*, que pode ser traduzido como *Uma Gramática da Língua de Sinais Italiana (LIS)*, das autoras Chiara Branchini e Lara Mantovan (2020). Este *e-book* apresenta no capítulo Sintaxe uma seção dos tipos de sentença e subseção denominada *Content interrogatives* (Interrogativas de conteúdo).



Com base de Branchini e Mantovan (2020, p. 474), encontramos um sinal comum  na interrogativa em LIS e que foi anotado como Qalcachofra (Questão alcachofra).

Figura 20 – Sinal  (Qalcachofra)




<https://youtu.be/JEdl40FOT6c>

Fonte: Branchini e Mantovan (2020, p. 474)

O mesmo sinal  apresentado como o gesto “a mão de bolsa” anteriormente, que se refere ao termo *grappolo* na palavra italiana, foi anotado na sentença interrogativa em LIS como Qalcachofra. As autoras Branchini e Mantovan (2020, p. 475) acrescentam,

Outra maneira de destacar o significado específico de Qalcachofra é olhar no *mouthing* a que está associado. Qalcachofra pode ser co-articulada com algumas vogais ou consoantes presentes na palavra em italiano correspondente a *wh-word*.

Elas mostram o seguinte exemplo, em que a articulação da boca reproduz a consoante [p] presente no italiano, correspondente a QU-frase *perché* (porque), produzida simultaneamente com sinal , que aparece no quadro em destaque:

Exemplo 8 – QU-frase *perché* (porque) é produzida com mouthing e sinal:

(8) 

IX-2

IR

wh
[p]
Qalcachofra



<https://youtu.be/jRYPJO4gBk>


Possível tradução: Por que você está indo?

Fonte: adaptado de Branchini e Mantovan (2020, p. 475)

Na frase seguinte (exemplo 9), a articulação da boca reproduz a pronúncia [ku] presente na frase QU- italiana correspondente *quando* é produzida simultaneamente com Qalcachofra.


Exemplo 9 – QU-frase *quando* é pronunciado [ku] e sinal:

(9)



IX-2 IR

wh
[ku]
Qalcachofra



<https://youtu.be/uUSgT7U16nc>

Possível tradução: Quando você vai embora?

Fonte: adaptada de Branchini e Mantovan (2020, p. 476)

Observando e comparando os quadros acima, percebemos diferenças no contexto da língua de sinais italiana em relação a sua expressão natural. Branchini e Mantovan (2020, p. 476) esclarecem que Qalcachofra é usado como pronome interrogativo referente a seres animados e inanimados, com valor locativo e temporal. A diferença entre esses usos é a articulação pela boca de letras que fazer referência às palavras interrogativas QU- em italiano, ou seja, *mouthing* distingue significado.

Ao compararmos os dois exemplos (8 e 9) mostrados com clareza que aparentemente se trata da mesma oração, vemos que se diferenciam somente no uso de *mouthing* associado à produção do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow$. A função semântica no contexto da LIS ocorre junto à função gramatical na ordem de distribuição sintagmática.

No primeiro exemplo, a função semântica é de temporalidade e pergunta plena. A função gramatical é pronome interrogativo.

No segundo exemplo, a função semântica é de finalidade e pergunta plena. A função gramatical é pronome interrogativo.

Nos dois exemplos originais em língua de sinais presentes nos vídeos em *QR-code*, estes sinais $\uparrow\downarrow\uparrow$ foram usados no fim da pergunta, mas na tradução em língua oral escrita, os pronomes interrogativos nos dois exemplos foram colocados no começo da oração principal.

Os exemplos da LIS evidenciam uma relação entre o uso de pronomes interrogativos e orações complexas. A fim de explorar mais a fundo essa relação, recorreremos aos trabalhos de Silva e Santos (2015); Araujo e Freitag (2010) que explicam sobre os tipos de perguntas na língua portuguesa, a saber pergunta: plena, semi-retórica e retórica, que estão mais relacionadas à estrutura e intenção das perguntas do que seu funcionamento. Cada tipo de pergunta tem uma função específica e pode ser usado para diferentes propósitos. Vamos abordar como cada tipo de pergunta pode ser utilizado de acordo com sua função, com base em exemplos adaptados de Araujo e Freitag:

- 1- Pergunta plena (PP): essa pergunta é formulada com o objetivo de obter informação direta e específica, ou seja, uma resposta de outra pessoa. Ao realizar uma pergunta plena em Libras, a estrutura gramatical apropriada seria:

Exemplo de PP em português:

- Mãe: Você estudou, meu filho?

Resposta de outra pessoa:

- Filho: Sim, mãe! Eu estudei.

- 2- Pergunta retórica (PR): essa pergunta é formulada de maneira retórica e não se espera uma resposta direta. Ela é usada para expressar uma afirmação, enfatizar um ponto de vista ou persuadir o interlocutor.

Exemplo de PR em português:

- Será que em casa cada um faz sua parte para o mosquito não se proliferar?

- 3- Pergunta semi-retórica (PSR): essa pergunta é formulada de maneira semi-retórica, mas a pessoa que pergunta também pode fornecer a resposta logo em seguida. No entanto, não é necessariamente obrigatório que a resposta venha da mesma pessoa que fez a pergunta. A presença de um pronome interrogativo com ou sem preposição dependerá do contexto da pergunta.

Na prática, a resposta pode ser implícita ou fornecida logo seguida pela mesma pessoa que fez a pergunta. A intenção é enfatizar um ponto de vista, expressar uma opinião ou direcionar a reflexão do interlocutor.

Exemplo de PSR em português:

- De quem é a culpa dessa situação grave?



Resposta da mesma pessoa:


- De todos, sem exceções.

Os exemplos anteriores evidenciam que três tipos de perguntas se gramaticalizam na fala como marcadores discursivos prototípicos de interação (Freitag, 2009). Esses marcadores têm sua origem em um *continuum* que se estende desde a pergunta plena até a pergunta semirretórica e, finalmente, a pergunta retórica. Essa característica define o seu uso interpessoal (Martelotta; Votre; Cezario, 1996; Martelotta, 1997; 1998).

Adicionalmente, é relevante ressaltar a função específica de cada tipo de pergunta dentro desse *continuum*. A pergunta plena, por exemplo, tem como objetivo principal obter uma resposta de outra pessoa, refletindo uma clara intenção de buscar informações externas. Quanto à pergunta semirretórica, ao possuir dois objetivos - o subjetivo, que reside na reflexão interna do sujeito, e o objetivo, onde a resposta já está contida na própria formulação para a mesma pessoa -, revela-se como uma ferramenta versátil, capaz de explorar tanto aspectos pessoais quanto objetivos em sua formulação. Por fim, a pergunta retórica, ao possuir um caráter predominantemente subjetivo, manifesta-se como uma expressão mais reflexiva, frequentemente utilizada para enfatizar uma ponderação pessoal, sem a expectativa explícita de uma resposta externa. Essa diferenciação destaca a complexidade e a diversidade de usos desses marcadores discursivos no âmbito da comunicação interpessoal.

Sendo assim, verificamos que existem regras variáveis que funcionam para favorecer ou desfavorecer, com pesos específicos, o uso de um ou outro em cada contexto. A

configuração de mão oval pode ser a mesma em  e  (articulação da boca como

ou para que) nessa variação da Libras. O mesmo sinal  passa a ter significados diferentes devido à articulação da boca, que também compõe o sentido do sinal, pois o “para que” e “por que” podem assumir o mesmo sentido do sinal, no exemplo 13. (Veja a seção 5 – resultados e discussão e a subseção 5.2 – critérios funcionais e semânticos.

Na próxima seção, explicamos nossa metodologia de coleta e análise dos dados.

3. Procedimentos metodológicos

3.1 – Fonte de dados

Os dados analisados foram coletados de um dicionário on-line e quatro dicionários físicos. O trabalho está estruturado da seguinte forma: apresentamos, inicialmente, as descrições para o sinal em cinco dicionários da Língua Brasileira de Sinais (Libras), sendo eles:

1. Dicionário on-line da Língua Brasileira de Sinais – Versão 3.

- Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, Rio de Janeiro, 2011.
- Autores: Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza.

2. Linguagem das Mãos.

- 1ª edição. Rio de Janeiro: Gáfica Editora, 1969.
- Autor: Eugênio Oates.

3. Manual Ilustrado de Sinais e Sistema de Comunicação em Rede para Surdos.

- USP/IP, São Paulo, 1998.
- Autor: Fernando César Capovilla.

4. Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos.

- Volume 1: Sinais de A a D; e Volume 3: Sinais de P a Z.
- Autor: Fernando César Capovilla.

5. Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a Comunicação Usada pelas Pessoas com Surdez.

- Volume 3. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.
- Autoras: Márcia Honora e Mary Lopes Esteves Frizanco.

Essas fontes foram consultadas para fundamentar as descrições dos sinais utilizados neste estudo.

Para embasar nossas análises, utilizaremos dados de dois *córpus* principais, a saber, o *minicórpus* organizado pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Língua de Sinais da Unesp - SignL e do Corpus de Libras (<https://corpuslibras.ufsc.br>) (Quadros et al., s/d)⁸, organizado por pesquisadores da Unesp e da Universidade Federal de Santa Catarina,

respectivamente. Ambos os corpora são compostos por amostras de vídeos espontâneos produzidos por sujeitos Surdos (homens e mulheres, de idades diferentes e residentes em diferentes estados brasileiros), anotados no ELAN (Hellwing: Geerts, 2013), que é um programa para anotação de arquivo de vídeo. Os dados serão operacionalizados no Excel.

Nossa primeira fonte de coleta, o *minicópus* organizado pelos pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Língua de Sinais da Unesp – SignL, consiste em vídeos sinalizados produzidos por sujeitos Surdos e publicados em grupos do Facebook. Esse cópus é constituído de 10 vídeos (5 vídeos produzidos por homens e 5 por mulheres).

Como discorre Leite (2008), os dados que servem de análise linguística estão diretamente relacionados à abordagem teórica e metodológica de cada estudo. Chafe (1994) analisa quatro tipos de dados básicos nos estudos linguísticos, que dependem da combinação das seguintes variáveis: se os dados são públicos (acessíveis a qualquer um que quiser observar) ou privados (restritos a um único observador), e se são manipulados (criados por iniciativa do pesquisador) ou naturais (ocorrendo espontaneamente em contextos comunicativos). Essas quatro variáveis recombina-se de diferentes maneiras para produzir os principais tipos de dados nos estudos linguísticos, como mostra a tabela 2 a seguir adaptada de Chafe (1994:18):

Tabela 2 - Tipos de dados linguísticos discutidos por Chafe (1994: 18)

Dados	Públicos	Privados
Manipulados	Elicitação Experimentação	Julgamento de gramaticalidade Julgamento semânticos
Naturais	Etnografia da fala Análise de corpus	Fluxo do pensamento Observação introspectiva

Fonte: adaptada de Chafe (1994)

Resumidamente, esses dados públicos e naturais são registros de usos espontâneos da língua de sinais realizados a partir de gravações de vídeos por meio de celulares, porém com a desvantagem de dificultar a busca das informações que são objeto de estudo dos pesquisadores.

Ambos os corpora são compostos por amostras de vídeos espontâneos produzidos por sujeitos Surdos, anotados no ELAN (Hellwing: Geerts, 2013 apud Oushiro, 2014), que é um programa para anotação de arquivo de vídeo, desenvolvido pelo Instituto Max Planck de

⁸ Esse cópus pode ser acessado por meio do seguinte link: <http://www.corpuslibras.ufsc.br>.

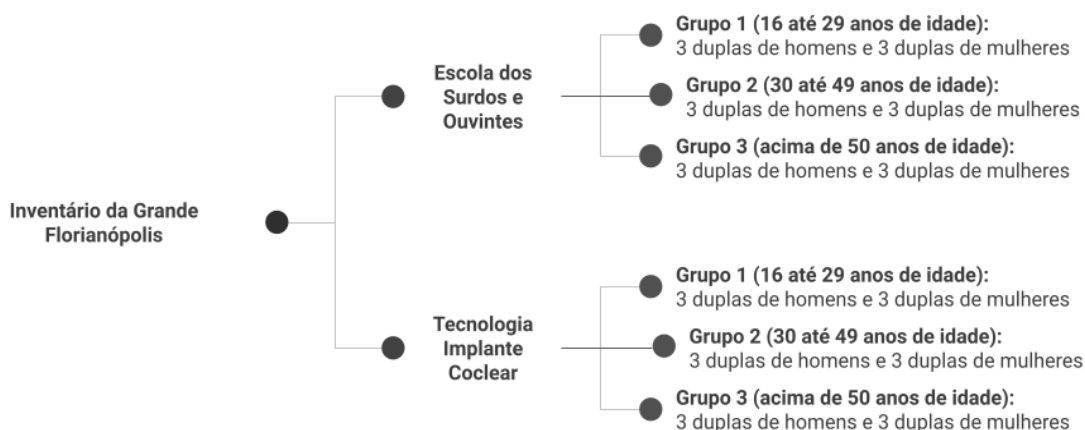
Psicolinguística⁹. A transcrição de dados será feita através da ferramenta de trilhas do ELAN, dividida em: mão direita, mão esquerda, comentários para tradução. No que se refere às normas de ética em pesquisa envolvendo a exibição de imagens, Rodrigues e Souza (2019, p. 60) esclarecem que, embora todos os vídeos que compõem esse *minicópus* estejam disponíveis para acesso livre na internet, não temos permissão para uso das imagens dos autores dos vídeos. Desse modo, nesta obra, utilizamos apenas as reproduções pela metodologia espelhada (Monteiro, 2015, p. 135) em todos os exemplos que vem a seguir nesta obra, apresentaremos os dados replicados pela filmagem do próprio pesquisador, para preservar a identidade dos autores dos vídeos.

A outra fonte corresponde a vídeos compilados no Corpus de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina. Esse cópus é composto por um conjunto relevante de dados espontâneos de Libras, parcialmente anotados no *ELAN* e gravados a partir da interação entre dois sinalizantes Surdos. O Corpus de Libras disponibiliza as seguintes trilhas de anotação: sinal mão direita, sinal mão esquerda, tradução e comentários. Calculamos que os dados produzidos pelos Surdos catarinenses, cuja transcrição estava disponível, compreendem 2 horas, 29 minutos e 21 segundos de produções em Libras, com 14.454 sinais transcritos produzidos com a mão direita e mais 8.020 sinais transcritos produzidos com a mão esquerda (faltam registrados somente a transcrição de dois vídeos da comunidade Surda da Grande Florianópolis, cujos arquivos .eaf [*ELAN Annotation Format*]) não estavam disponíveis.

No Inventário da Grande Florianópolis, onde se tem à disposição os registros em Libras produzidos por Surdos catarinenses da região da Grande Florianópolis, vários assuntos interessantes são conversados em Libras por três grupos de Surdos. Os vídeos escolhidos por nós refletem discussões sobre a "Escola dos Surdos e Ouvintes" e sobre "Tecnologia Implante Coclear", porque incluem um maior conteúdo no que se refere ao tempo de conversação em Libras. Por esse motivo, os debates foram divididos e organizados em três grupos da seguinte forma:

Figura 21: Mapa mental do esquema no Corpus Libras da UFSC.

⁹ O software pode ser baixado por meio do seguinte link: <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>





Fonte: Quadros [et al.], p. 29. 2018, adaptação elaborada do corpus de Libras da UFSC.

Por fim, somente temos permissão para uso das imagens dos autores Surdos dos vídeos obtidos no site do Corpus de Libras da UFSC.

Além disso, os sujeitos Surdos foram gravados numa sala da universidade, em que pelo menos quatro câmeras estavam captando a sinalização. Esse contexto desfavorece a produção de dados espontâneos, apesar de que, a depender do tema discutido pelos sinalizantes, isto pode ajudar a contornar o problema descrito por Labov (2008) como o *Paradoxo do Observador*: “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (Labov, 2008, p. 244).































3.2 – Critérios de seleção e exclusão

Os dados foram organizados em uma planilha do Excel, onde pudemos dispor as ocorrências em uma linha, separando em colunas as informações específicas, relacionadas aos parâmetros de análise (grupo de fatores) e informações adicionais sobre anotações e identificação das ocorrências.

Estabelecemos como critérios de exclusão os sinais que, apesar de estarem anotados com a glosa COMO, tratavam-se de: (1) sinais formados somente pela boca (*mouthing*, sem as mãos), (2) sinais que envolviam movimentos dos dedos, trazendo outro sentido, (3) configurações de mão diferentes de  e (4) sinais com a configuração de mão adequada  mas cuja função semântica é confusa, não sendo possível analisar com profundidade o sentido do sinal.

3.3 – Categorias de análise: função, parâmetros e significado

As colunas foram divididas da seguinte forma:

- (A) coluna para arquivo da ocorrência e do vídeo ao qual pertence;
- (B) coluna para a identificação de sinais por meio de glosa, selecionados a partir da oração;
- (C) coluna para as quantidades do sinal;
- (D) coluna para anotação do tempo em que se inicia a ocorrência;
- (E) coluna para transcrições das orações usando glosas, escritas em letra maiúscula, que já vêm nas amostras dos dois corpora;
- (F) coluna para tradução - extraímos, também, quando havia, as traduções previamente realizadas, e quando não havia, inserimos nesse espaço as traduções feitas por nós;
- (G) coluna para link – recorte da amostra do vídeo enviado para o YouTube de modo “não listado”, em que somente uma pessoa detentora do link pode acessar, mas o vídeo não pode ser encontrado publicamente; no caso do *minicorpus* da Unesp - SignL foi adicionada uma coluna extra para *link* - espelhamento da sinalização usando a técnica de incorporação da sinalização, omitindo a identidade dos autores Surdos dos vídeos;
- (H) coluna para descrição textual em língua portuguesa do tipo de sinal   (separada em duas planilhas do Excel referente a um ou mais sinais pertencentes à mesma frase, pela organização de Corpus da UFSC e pela *minicorpus* da Unesp - SignL). O sinal                            , por exemplo, foi descrito por nós: Mãos com pontas dos dedos unidas, palma para cima. Balançar as mãos para frente e para atrás. Para saber mais sobre as descrições, verifique


o dicionário da Língua de Sinais do Brasil (Capovilla, 2017), onde há descrições detalhadas dos sinais.

(I) coluna para a identificação de sinais por meio da escrita de sinais em *SignWriting*;

(J) coluna para anotação textual de observações em língua portuguesa, comentando a descrição do sinal e apontando dúvidas;

(K) coluna para a configuração de mão, por meio de fotografias de forma da mão;

Identificamos as configurações de mão foram com números, conforme agrupadas e ordenadas no Manual de símbolos de mão de *SignWriting* para o Alfabeto Internacional de Escrita de Sinais (ISWA 2010) por Valerie Sutton e Adam Frost (2010). Este manual traz 300 páginas dedicadas a cada um dos 261 símbolos de mão junto a recomendações. Cada página mostra uma forma de mão com 6 fotos mostrando 6 faces diferentes da palma. O manual foi escrito e fotografado pelo sinalizante nativo da ASL (Língua de Sinais Americana) e instrutor Adam Frost, em colaboração com Valerie Sutton.

Para capturar uma imagem da configuração de mão escolhida  , utilizou-se do atalho de teclado (Windows: Windows + Shift + S / Mac: Command + Shift + 4), copiar (Windows: Ctrl + C / Mac: Command + C) e colar (Windows: Ctrl + V / Mac: Command + V). Os arquivos foram salvos como imagens no formato *JPEG*, organizados em uma pasta de fonologia em Língua de Sinais e subpasta de imagem da configuração de mão.

Depois as imagens foram inseridas em células no Excel. Foi alterado o tamanho da célula para se adequar ao tamanho da imagem.

(L) coluna para as quantidades das mãos;

Observamos e identificamos se a unidade fonológica da língua de sinais foi articulada com uma ou duas mãos para formar o sinal.

(M) coluna para orientação da mão;

Identificamos a direção tomada pela mão na realização de durante a articulação do sinal. Ferreira Brito (1995, p. 41) enumera seis tipos de orientações da palma da mão na Libras: para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a direita ou para a esquerda.

Por exemplo, identificamos no sinal $\overset{\square}{\updownarrow}\overset{\square}{\updownarrow}$, a direção tomada pela mão como: palmas para cima.

(N) coluna para movimento;

A identificação do tipo de movimento envolvido na realização do sinal, foi proposta por Stokoe (1965, 1960). A proposta deste autor trouxe uma contribuição valiosa na análise dos dados devido à sua relevância histórica e por descrever com resultado mais de dois mil sinais da ASL. Ademais outros autores têm propostas de descrição de movimento em línguas de sinais – Liddell (1984), Ferreira (1995), Barros (2008), Faria-do-Nascimento (2009) entre

outros. Por exemplo, identificamos no sinal $\overset{\square}{\updownarrow}\overset{\square}{\updownarrow}$, o movimento: balançar as mãos para frente e para atrás.

(O) coluna para locação no uso do espaço neutro e ponto de articulação;

Identificamos a locação de realização. se o sinal faz uso do espaço neutro ou ponto de articulação. Por exemplo, identificamos no sinal $\overset{\square}{\updownarrow}\overset{\square}{\updownarrow}$, a locação: espaço neutro.


(P) própria para a anotação da expressão bucal (*mouthings* ou gesto bucal);

Identificamos a unidade fonologia da língua de sinais articulada em relação ao uso da expressão bucal associado à produção do sinal.

Buscamos referências para o uso dos termos *mouthings* e gestos da boca em publicações como artigos científicos, dissertações e teses.

De acordo com Boyes Braem e Sutton-Spence (2001, p. 3), há dois tipos de movimentos da boca, o primeiro com origem nas línguas faladas é chamado: componentes falados, imagem das palavras ou *mouthings*; e o segundo que não têm origem nas línguas faladas é chamado: gestos da boca, advérbios orais, arranjos da boca, ou componentes orais. Também pode acontecer a mistura dos dois tipos, como são chamados os movimentos com origem na língua falada com gestos da boca (Sutton-Spence, 2011). Já a autora Surda Carol Pego (2021, p. 26) utilizou o termo articulação-boca.

Com base de Felipe, imagem visual da palavra “é uma articulação da boca com base na pronúncia da palavra de uma língua oral auditiva, mas que se articula de maneira peculiar, não representando, de fato, a prolação da palavra de uma língua oral-auditiva” (Felipe, p. 79, 2013). Anteriormente a seção da Variação Linguística e gramaticalização em língua de sinais,

mostram dois por exemplos: encontram tão diferentes somente o uso de *mouthings* entre [p] e [ku] associado à produção do sinal  ↑↓↑.

Ainda com base de Felipe, gestos bucais “são realizados concomitantemente com um sinal, mas que não têm relação com a palavra oral correspondente à língua oral, podendo ser uma característica icônica do conceito representado pelo sinal” (Felipe, p. 78 e 79, 2013). Os gestos da boca poderia ser componentes da boca como exemplos dos gestos performativos da boca, com base de Pêgo, ações-boca que possuem forma de produção relacionada à visualidade da estrutura da língua de sinais. (Pêgo, p. 26, 2021). Assim, sobre as diferenças entre *mouthings* e gestos da boca, considera-se que os *mouthings* vêm das línguas faladas, como exemplos de imitação das palavras e os gestos da boca, como exemplos de gestos performativos da boca. Além disso, considera-se que é possível a presença de ambos os movimentos da boca, um seguido do outro. Por exemplo, na Figura 22, competente a este sinal, foi associado a um gesto da boca em ferradura e, posteriormente, ao *mouthing* com a consoante [p]:

Figura 22: Gestos da boca - Ferradura



Fonte: Branchini e Mantovan (2020, p. 475)

(Q) coluna própria para a anotação da expressão facial;

Identifica-se que a fonologia da língua de sinais é articulada com o uso da expressão facial associado à produção do sinal. As expressões faciais correspondem a movimentos da sobrancelha, da cabeça, franzir de testa etc. Por exemplo, o sinal mostrado anteriormente na figura 22 tem movimento da cabeça para esquerda e testa franzida.

(R) coluna para a anotação da ordem (distribuição sintagmática);

Identificamos a função sintática em língua de sinais. Pode-se fazer a análise sintática da oração e do período na ordem distribuição sintagmática, considerando todos os elementos sintáticos, presentes no quadro 1 apresentado anteriormente, por exemplo: Sujeito, verbo, substantivo, advérbio de intensidade e advérbio interrogativo de finalidade.

(S) coluna para anotação da semântica;


Identificamos a função semântica em língua de sinais, pode ser uma forma-função canônica da categoria pergunta (plena, retórica, semi-retórica) e categoria oração (oração principal com verbo transitivo + oração subordinada) baseada no seu contexto. Utilizamos também outra estratégia para frases que contêm mais de uma aparição do sinal, separando cada ocorrência como um exemplo individual. O sinal específico é destacado em negrito na coluna (E) da frase em glosa e na coluna (F) da frase traduzida. Assim, é possível perceber qual o sinal está sendo analisado a partir das colunas (E) e (F).



(T) coluna para a função gramatical;


Identificamos a função gramatical, no que diz respeito ao papel que uma palavra ou grupos de palavras desempenha na estrutura gramatical de uma frase e que decorre da relação estabelecida com os demais elementos da frase. Halliday apresentou uma visão geral de sua “gramática funcional” (1985: XIII, p. XIV e XXXIV), e assim a define: ela é “funcional” porque se baseia no significado, e é “gramática” porque é uma interpretação de formas linguísticas (1985: XX). Além disso, pode-se citar Nichols (1984), que analisa a estrutura gramatical, entretanto o fazem com base na situação comunicativa, e entendendo-a como determinadora das estruturas em análise. Associa-se os itens R, S e T na figura 23.

A seguir, apresentamos um recorte de como produzimos nossa planilha a respeito dos

sinais  .

Figura 23: *Microsoft Office Excel - print screen* da tabela de coleta de dados em Libras pela Excel -  no *minicorpus* SignL Unesp e no *Corpus* da UFSC.

	A	B	C	D	E
1	arquivo	senal	quantidades.do. senal	tempo	transcricao
2	FLN_G1_D2_CONVER_Escolasurdouovinte	COMO	1	00:00:00.360 - 00:00:08.315	ESCOLA · OUVINTE · E(então) · DIFERENTE · SURDO · COMO · SALA · E(então) · DESENVOLVER · PARECER · DESENVOLVER-NÃO · E(então)
	F	G	H	I	J
1	traducao	link	tipo.como	sign.writing	observacao
2	Qual a diferença entre escola de ouvinte e escola de surdos? Como é o desenvolvimento escolar nessas duas instituições?	https://youtu.be/cnkOgxNGAzv	Mãos com pontas dos dedos unidas, palmas para cima. Mover as mãos, alternadamente, em pequenos círculos verticais para frente (sentido horário), com expressão facial de interrogação.	 	Falha tradução em português, porque não são questão. Começou ter angústia para expressa em Libras: Escola é diferente, como está na sala entre ouvinte e surdo? Desenvolveu (ouvinte) e não desenvolveu (surdo)?


	K	L	M	N	O	P	Q
1	configuracao.mao	quantidades.de.mao	orientacao.da.mao	movimento	locacao	expressao.bucal.mouth.ou.gesto.bucal	expressao.facial
2		2	palmas.para.cima	Alternadamente, equenos circulos verticais para frente (sentido horário)	espaco.neutro	ferradura	sobrançelas.das.fr anzimentos

R	S	T
ordem.distribuc ao.sintagmatica	semantica	funcao.gramatical
adverbial.interro gativa.de.modos	interrogativa.per gunta.retórica.c ontexto.adverbi al.comparativa	conjuncao


Fonte: imagem elaborada pelo autor.





Para organizar melhor as duas planilhas do *Excel* (figura 23). Quando se tinha alguma dúvida, colocávamos um fundo amarelo na célula selecionada para chamar a atenção visualmente. E escolhemos um fundo vermelho para itens que necessitavam de ajuste. Quando resolvíamos a questão, selecionávamos o plano de fundo ‘sem preenchimento’.

Utilizamos essa metodologia da análise de dados nas planilhas do *Excel*, porque consideramos mais fácil o acesso ao link do *Youtube*, imagens, *signwriting*, formato de cores, comentários e pudemos criar abas para separar as categorias sintáticas.

A próxima seção apresenta os resultados alcançados até o momento para análise de dados do sinal em Libras: .

4. Resultados e discussão

Nossos resultados apontam para 101 ocorrências de 21 variáveis no uso do sinal  em contextos de pergunta direta, pergunta retórica, pergunta semi-retórica e sentença subordinada, em que são observadas ocorrências de *mouthings* que consistem em “como”, “para que”, “porque” e “o que” principalmente.

O *minicorpus* organizado pelos pesquisadores do SignL é constituído por dez vídeos sinalizados, produzidos por sujeitos Surdos, e publicados em grupos no *Facebook*, apresentando 19 ocorrências do sinal ,  (associado com articulações da boca de “como”, “para que” e “o que”) que foram registradas. Mais um corpus, organizado pelos pesquisadores da UFSC, possui três grupos, composto por vários vídeos, onde 82 ocorrências do sinal ,  (associado com articulações da boca “como”, “para que”, “o que” e “porque”) também foram registradas. Todas as 101 ocorrências foram anotadas através da utilização do programa ELAN (*Eudico Linguistic Annotator*). Na próxima subseção, 5 – critérios formais de realização do sinal, mostraremos nossas análises e interpretações e nossas informações sistematizadas nas tabelas e gráficos.

4.1 Critérios formais de realização do sinal

4.1.1 Número de mãos




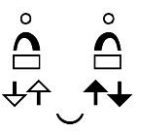

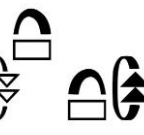





Observamos o uso do número das mãos associado à produção do sinal  nas tabelas 3 e 4.





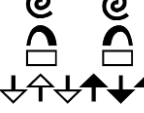



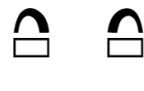



Tabela 3 - Distribuição dos números das mãos - *minicorpus* SignL

Sinal	Uma mão	Duas mãos iguais	Duas mãos diferentes	Configuração da mão
	1			

			1	
		12		
		2		
		3		

Fonte: Elaboração própria.



Tabela 4 - Distribuição dos números das mãos - Corpus da Libras

Sinal	Uma mão	Duas mãos iguais	Duas mãos diferentes	Configuração da mão
		6		
	3	5		
		1		
	2	5		
	2	3		
		50		

		3		
		1		
		1		

Fonte: Elaboração própria.

Analisamos com base do número das mãos nas duas tabelas (3 e 4) acima, colocando na primeira coluna o sinal em *signwriting*; nas colunas do meio, a quantidade de mãos (uma mão, duas mãos iguais e duas mãos diferentes); e, por fim, na última coluna, a fotografia das configurações de mão.

Exemplo 10 – Número das mãos: sinal  com uma mão ou sinal  com duas mãos



Sinal  com uma mão no contexto em Libras:

Situação da Frase n.1: Ele postou o vídeo para a rede social qual é o seu objetivo?




IX(eu)



AQUI




VÍDEO



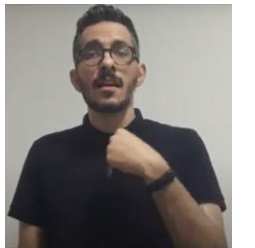
PORQUE?



PARA-QUE?



MOTIVO



IX(eu)



VER

IX(ele)

SINAL(fulano)

ISSO



SINAL(fulano)

BOM

E(positivo)

IX(eu)



IX(você)

EXPLICAR

SÃO-PAULO



SOBRE

FITA

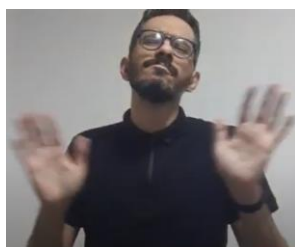
IX(você)

REJEITAR



NUNCA-MAIS

IX(você)



E(negação)





<https://www.youtube.com/watch?v=Ve7mNEo84zs>

Possível tradução: Eu estou aqui neste vídeo por causa do vídeo do Fulano... Você! Fulano! Tudo bem? Eu vi o que você contou sobre o dia do Surdo em São Paulo, que você rejeita o uso da fita! Nunca mais!

Fonte: Elaborado a partir do *minicorpus* SignL.



Sinal   com duas mãos no contexto em Libras:

Situação da Frase n.2: Compara a idade com a necessidade de implantar.



CERTO+

CRESCEM (eco)¹⁰

CERTO

IDADE



50



PARA-QUE



VELHO



IX(orelha)



VELHO



PRONTO





<https://www.youtube.com/watch?v=gCb7PnsxTBc>

Possível tradução: Isso... Exatamente... Com 50 anos para que o implante se já está idoso?

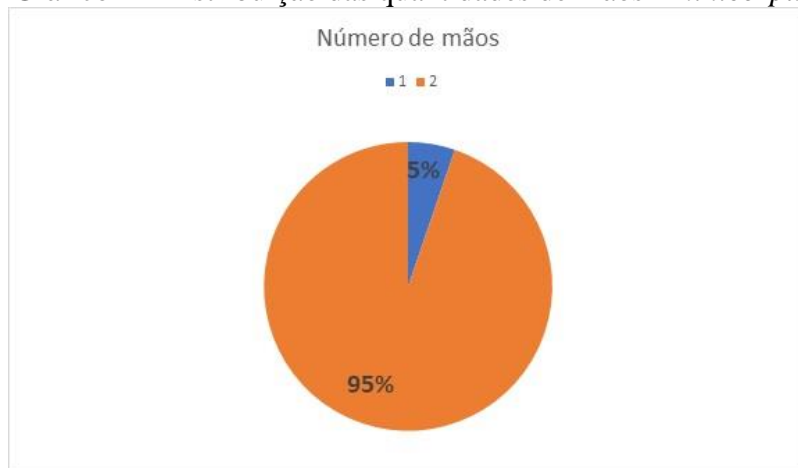
Fonte: Elaborado a partir do Corpus de Libras (2022).

¹⁰ A resposta-eco é a repetição do verbo da pergunta, neste caso o interlocutor disse “CRESCEM” e por isso o outro sujeito Surdo também sinaliza “crescer”, porém com a configuração de mão ao contrário, mas mesmo levantamento da cabeça, parecendo uma imitação.

No exemplo 10, nas frases 1 e 2, mostramos que o sinal  usa uma mão e o sinal  usa duas mãos, sendo possível perceber, em ambas as frases, os sinais associados aos gestos da boca, significados iguais por causa da boca do tipo ferradura; e em seguida as articulações da boca mostram as pronúncias de “para que”.

Nos gráficos 1 e 2 a seguir, apresentamos nossos resultados:

Gráfico 1 - Distribuição das quantidades de mãos - *minicorpus* SignL



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 2 - Distribuição das quantidades de mãos - Corpus da Libras



Fonte: Elaboração própria.

No gráfico 1 e tabela 3, mostramos as mesmas 19 ocorrências nos resultados das quantidades de mãos no *minicorpus* SignL. Já no gráfico 2 e tabela 4, mostramos as mesmas 82 ocorrências nos resultados das quantidades de mãos no Corpus da Libras

Na próxima da subseção 5.1.2 marcadores não manuais, mostramos nossas analisadas e interpretadas nossas informações nas tabelas, nos gráficos e explicamos mais detalhes.

4.1.2 Marcadores não manuais

4.1.2.1 Mouthings






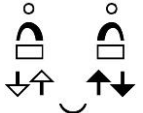








Em nossa análise, observamos também o uso de *mouthing* associado à produção do sinal . Os resultados, como ilustram as Tabela 5 e 6, não nos permitem fazer conclusões muito precisas acerca da relação entre o tipo de *mouthing* e as frases geradas na investigação do sinal  (exemplos 10, 11, 12 e 13). Consideramos que pesquisas com um maior número de dados são necessárias para uma análise mais acurada desse fenômeno.


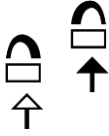













Tabela 5 - Distribuição dos *mouthings* - *minicorpus* SignL


















Sinal	Movimento com origem na língua falada	Gesto da boca	Movimento com origem na língua falada com o gesto da boca
	a.-  Para que		a.-  Ferradura + para que
	a.-  Para que		
	a.-  Como		
	a.-  Como	a.  [O]	
	a.-  Como		

Fonte: Elaboração própria.


Tabela 6 - Distribuição dos *mouthings* - Corpus da Libras

Sinal	Movimento com origem na língua falada	Gesto da boca	Movimento com origem na língua falada com o gesto da boca
	a.- O que b.- Como c.- Para que	a.- [o] b.- Ferradura	a.- Como + Ferradura + u
		a.- Boca enrugada (beijinho)	
		a.- Ferradura	a.- Ferradura + Para que
	a.- Como b.- O que		
	a.- Como b.- Porque	a.- Ferradura	a.- Boca enrugada (beijinho) + Como b.- Ferradura + Para que

	<p>c.-  Para que</p>		
		 a.- Ferradura + u.	
	<p>a.-  Como</p> <p>b.-  O que</p>	<p>a.-  Ferradura</p> <p>b.-  Ferradura + u.</p> <p>c.-  [o]</p> <p>d.-  [u]</p> <p>e.-  [aha]</p> <p>f.-  Sorridente</p> <p>g.-  Boca enrugada (beijinho)</p> <p>h.-  Sorriso</p>	<p>a.-  Como + Bochecha</p>

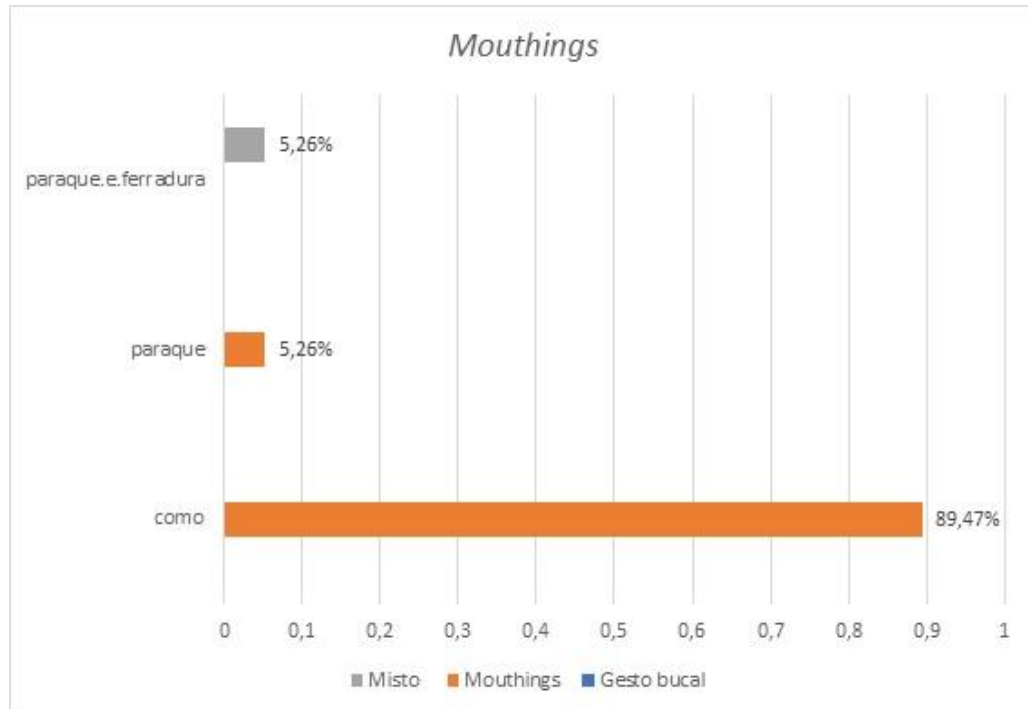
		 i.- Para que	
 		 a.- Ferradura	
 		 a.- Ferradura	
 	a.-  Como b.-  Porque + Ferradura	 a.- Ferradura	
 	a.-  Como	 a.- Sorriso b.-  [o]	

Fonte: Elaboração própria.

Com base na análise dos dados que constituem nosso *cópus*, pudemos apresentar uma descrição dos usos do sinal  em sentenças que veiculam sentidos de valor semântico como interrogativa pergunta retórica contexto causa, adverbial, comparativa e relativa não restritiva associados aos domínios *mouthings*.

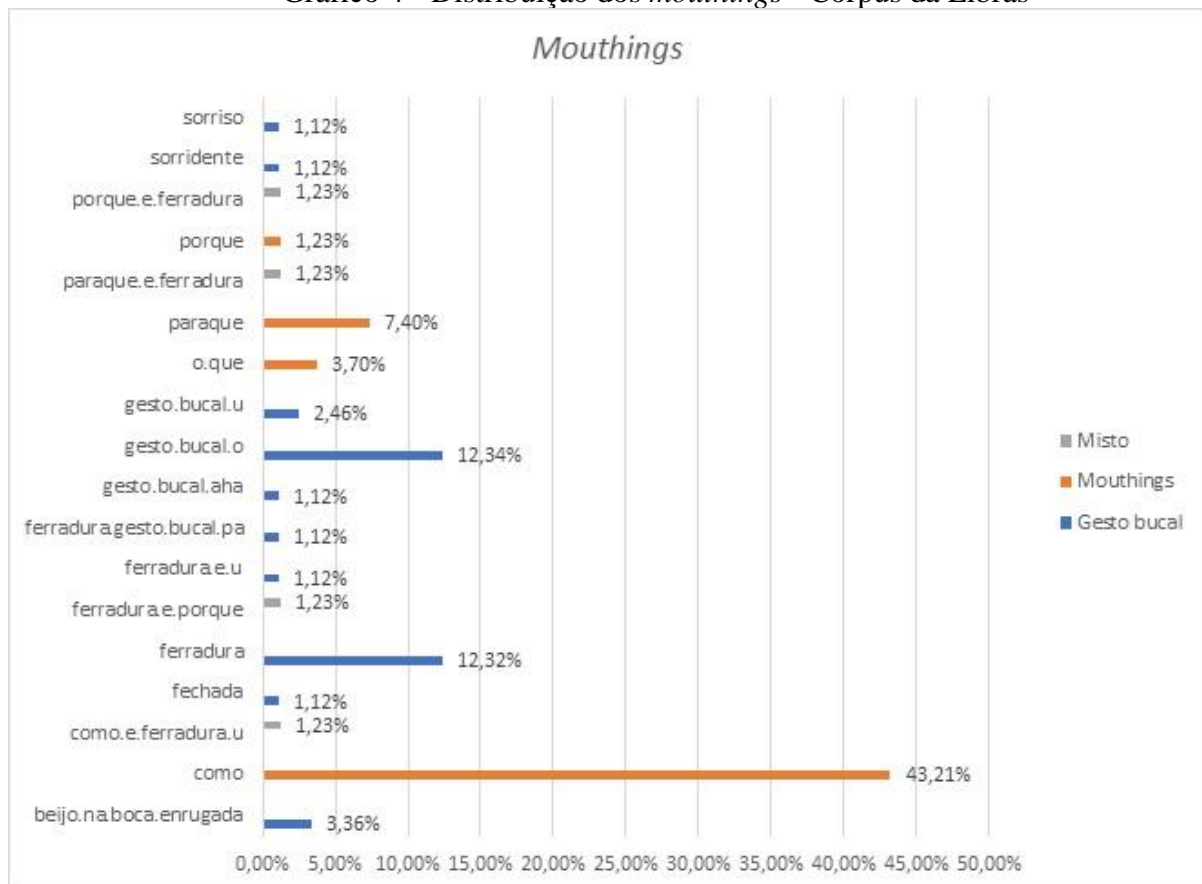
Nos gráficos 3 e 4 a seguir, apresentamos nossos resultados:

Gráfico 3 - Distribuição dos *mouthings* - *minicópus* SignL



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 4 - Distribuição dos *mouthings* - Corpus da Libras



Fonte: Elaboração própria.

No outro exemplo, 11, nas frases 3 e 4, mostramos o uso de *mouthing* associado à produção do sinal . Este sinal usa duas mãos; é possível que este sinal seja igual ao sinal associado com a articulação da boca de “como”. Já com os gestos da boca, os significados podem ser diferentes, quando a boca é do tipo ferradura e, em seguida, a articulação da boca mostra o significado de “para que”.

Exemplo 11 – O uso de *mouthing* associado à produção do sinal



Sinal com duas mãos no contexto em Libras:

Situação da Frase n.3: Explica sobre a diferença das disciplinas do curso de Letras Libras em relação ao conteúdo delas.



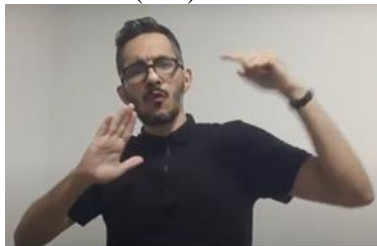
IX(esse)



CURSO



MAIS



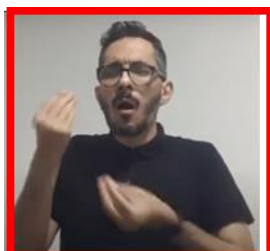
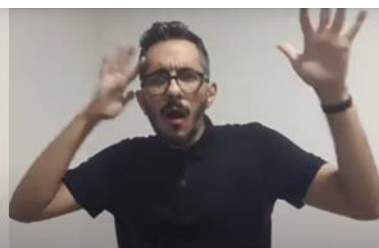
PROFUNDO



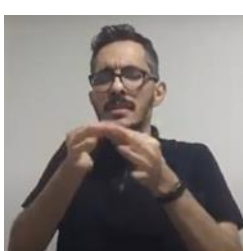
SABER



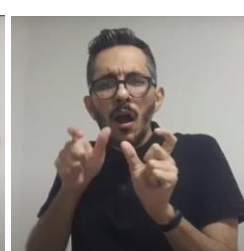
TEORICA



COMO



SINTAXE



MORFOLOGIA



VARIEDADE



DENTRO

LIBRAS



DENTRO

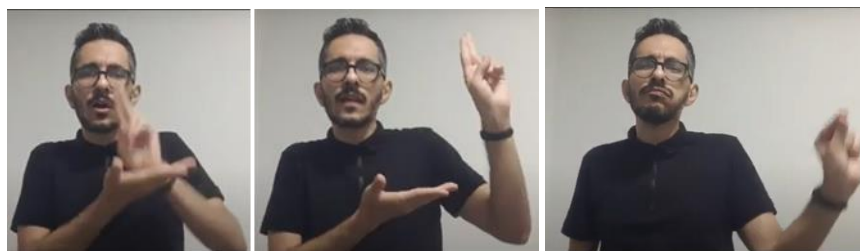
DISCIPLINA

CURSO



GRADUAÇÃO

FACULDADE




UNIVERSIDADE

VÁRIOS-LUGARES



MOTIVO

MAIS+



VALOR IX(letras-libras)

<https://www.youtube.com/watch?v=mkgb7oiZSo4>

Possível tradução: Este curso é mais aprofundado, é para saber mais a teoria a respeito da sintaxe, morfologia etc. da Libras em disciplinas dos cursos universitários, por isso ele tem muito mais valor.

Fonte: Elaborado a partir do *minicorpus* SignL.


 Duas mãos de sinal:   no contexto em Libras:

Situação da Frase n.4: Diz sobre Surdos implantados usarem o telefone.



OUVIR



TELEFONE



IC (implante coclear)



PARA-QUE



NAO-PRECISAR



SURDO



PROFUNDO



IC (implante coclear)



E(positivo)





<https://www.youtube.com/watch?v=PuiT87XnbYM>

Possível tradução: Para ouvir bem o telefone não é preciso ser implantado, a menos que


seja um surdo profundo, daí sim é preciso.

Fonte: Elaborado a partir do Corpus de Libras (2022).

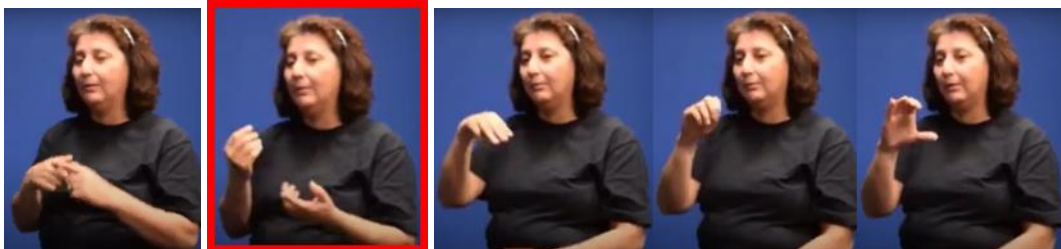
Anteriormente, o exemplo 10 da situação da frase 1 e posteriormente o exemplo 12 da situação da frase 5, mostramos que o uso de *mouthing*, associado à produção do sinal , usa uma mão, são semelhantes em relação aos gestos da boca. Os significados são diferentes, quando a boca é do tipo ferradura e em seguida a articulação da boca equivale às palavras “para que” e quando a articulação da boca equivale às palavras “o que”. Veja abaixo no exemplo 5 da situação da frase n.5:

Exemplo 12 – O uso de *mouthing* associado à produção do sinal .



Uma mão de sinal  no contexto em Libras:

Situação da Frase n.5: Conversar sobre a visão do MEC em relação às questões da política de educação bilíngue dos Surdos.



PORQUE

O-QUE

FS(mec)



FORA

NÃO-PODE-FAZER-NADA

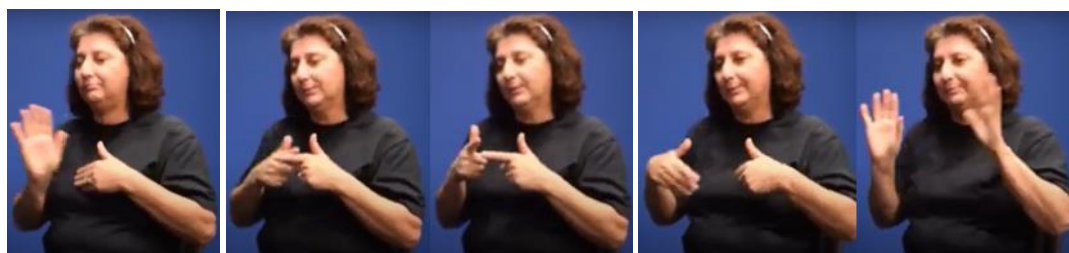
VER



ESCOLHER

ESCOLHER

EQUIPE-DISTANCIAMENTO



NÃO

PROBLEMA

FORA



<https://www.youtube.com/watch?v=hiWcA11dEeo>

Possível tradução: No MEC eles dizem que não podem fazer nada, que não é problema deles.

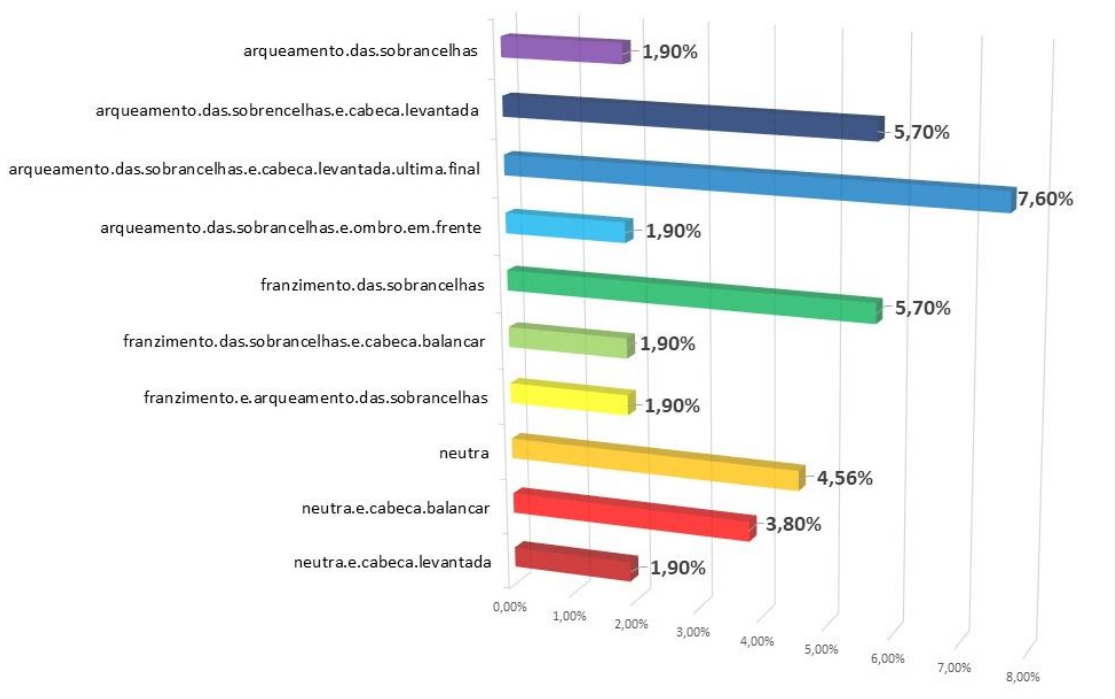
Fonte: Elaborado a partir do Corpus de Libras (2022).

Na próxima subseção, 5.1.2.2 – sobrancelhas, dos olhos, da cabeça, dos ombros e neutro, mostraremos nossas análises e interpretações junto às nossas informações nos gráficos.

4.1.2.2 *Sobrancelhas, dos olhos, da cabeça, dos ombros e neutro.*

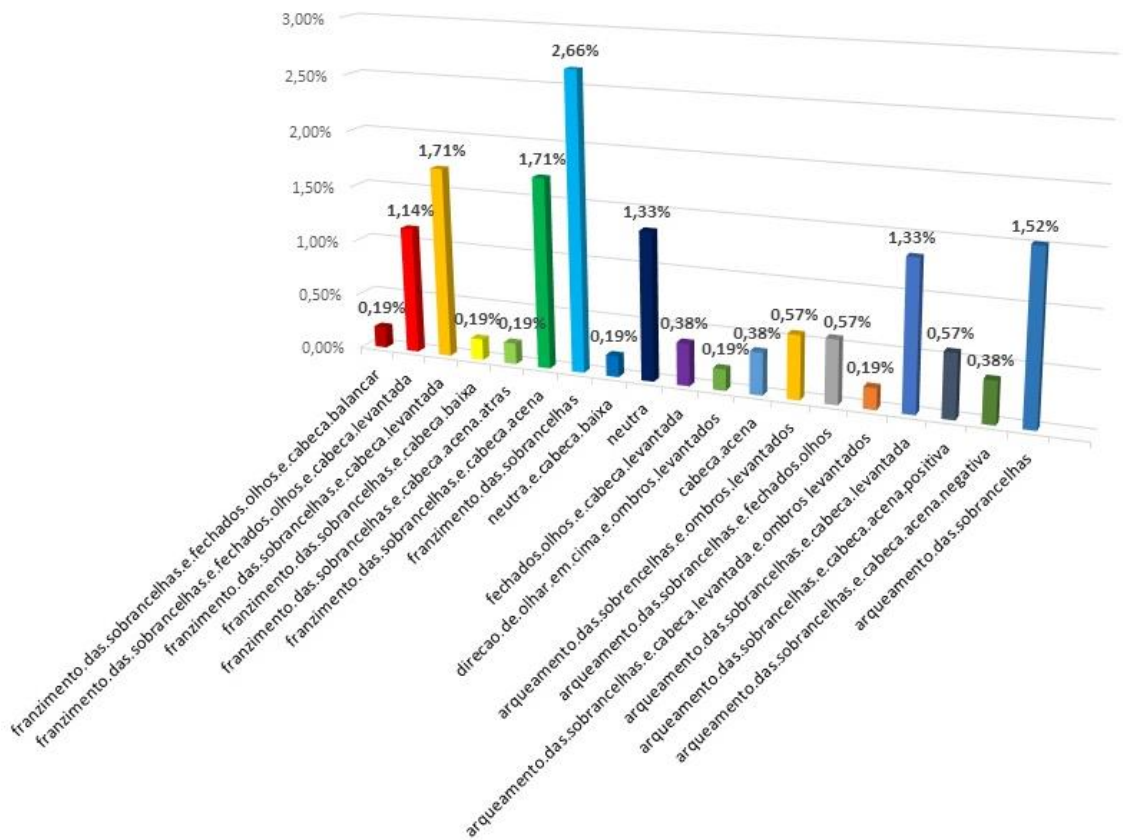
Observamos nos gráficos 5 e 6 sobre sobrancelhas, dos olhos, da cabeça, dos ombros e neutro a seguir, apresentamos nossos resultados:

Gráfico 5 - Distribuição das sobrancelhas, dos olhos, da cabeça, dos ombros e neutro – *minicorpus SignL*



Fonte: Elaboração própria.

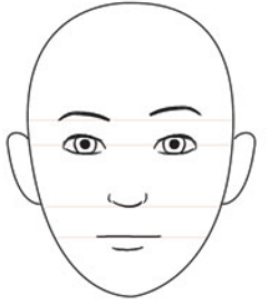
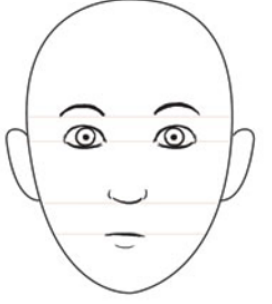
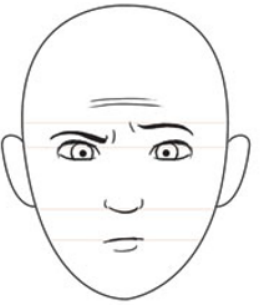
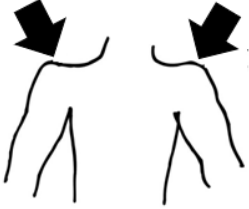

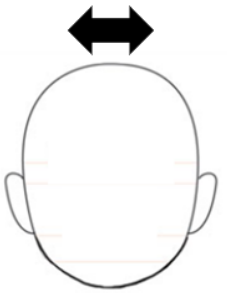
Gráfico 6 - Distribuição das sobrancelhas, dos olhos, da cabeça, dos ombros e neutro – Corpus da Libras



Fonte: Elaboração própria.

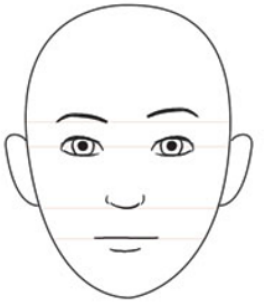
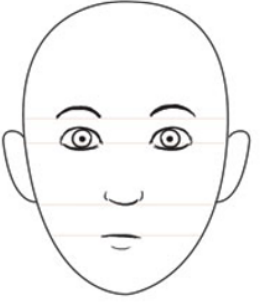
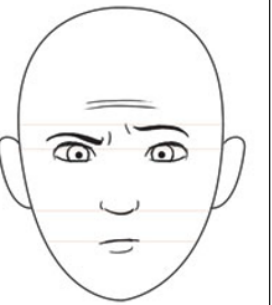
Anteriormente, nos gráficos 5 e 6 mostramos que são variados os tipos de sobrancelhas, dos olhos, da cabeça, dos ombros e neutro. Comparamos anteriormente os gráficos 5 e 6; vejamos a seguir as tabelas 7 e 8:

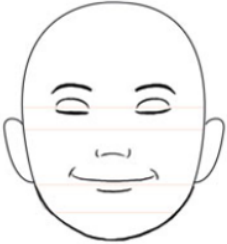

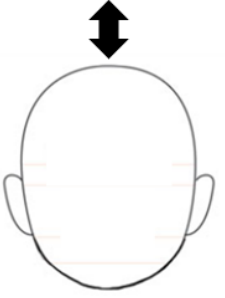
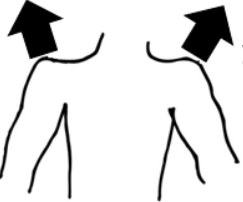
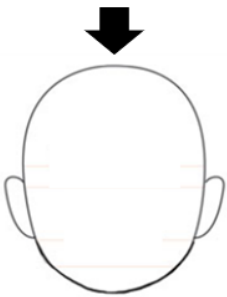
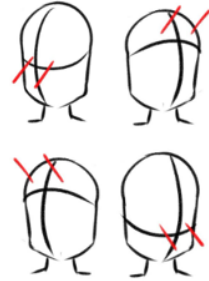
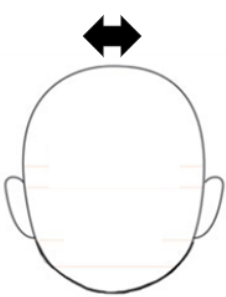
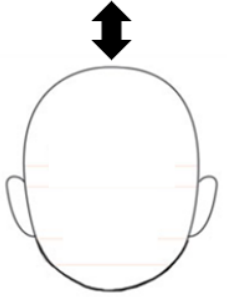
Tabela 7 - Distribuição das sobrancelhas, dos olhos, da cabeça, dos ombros e neutro - *minicorpus SignL*

		
Neutra	Arqueamento das sobrancelhas	Franzimento das sobrancelhas
5	10	5
		
Ombros em frente	Cabeça levantada	Cabeça balançar
1	8	3

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 8 - Distribuição das sobrancelhas, dos olhos, da cabeça, dos ombros e neutro – Corpus da Libras

		
Neutra	Arqueamento das sobrancelhas	Franzimento das sobrancelhas
8	27	41

		
Fechados olhos	Cabeça levantada	Cabeça acena
4	25	11
		
Ombros levantados	Cabeça baixa	Olhos de direção
4	2	1
		
	Cabeça acena negativa	Cabeça acena positiva
	2	3

Fonte: Elaboração própria.

Os gráficos exibem diferentes tipos de posições de sobrancelhas, olhos, cabeça, ombros e expressões neutras. As tabelas apresentam imagens com desenhos dos marcadores e a legenda indica a quantidade de resultados obtidos para cada tipo. Nossa hipótese, ao apresentar uma explicação em Libras sobre os marcadores não manuais, como *mountings* e sobrancelhas, é verificar os tipos de posições de sobrancelhas, como franzimento, arqueamento e neutra.

Essa pesquisa é de grande importância para nosso estudo na área de sintaxe relacionada à semântica, focando em tipos de perguntas e sentenças subordinadas. Além disso, estamos explorando a funcionalidade gramatical. Pretendemos comparar e associar as duas funções, semântica e gramatical, para obter uma compreensão mais abrangente. Na próxima subseção, mostraremos nossas análises e interpretações das informações dos gráficos e explicaremos em mais detalhes.

4.2 Critérios funcionais e semânticos


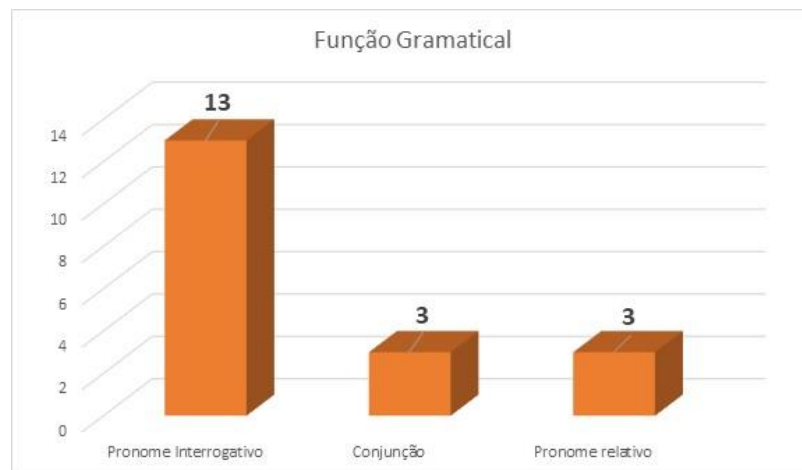
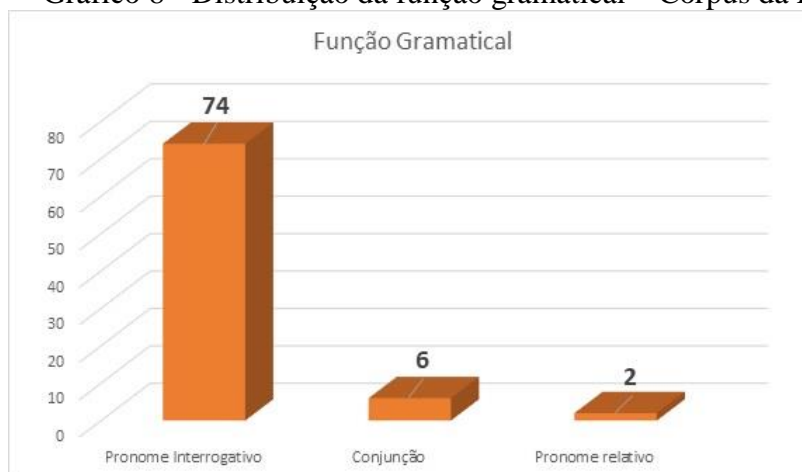
Em nossa análise, observamos na coluna da função gramatical sinal  no contexto em Libras. Nos gráficos 7 e 8 da função gramatical, a seguir, apresentamos nossos resultados:

Gráfico 7 - Distribuição da função gramatical – *minicorpus* SignL



Fonte: Elaboração própria.


Gráfico 8 - Distribuição da função gramatical – Corpus da Libras





Fonte: Elaboração própria.

Os gráficos mostram a função gramatical e a frequência. É interessante discutirmos sobre o problema da glosa COMO, anotada no programa Elan, pois encontramos anotações de expressões *mouthings*, configurações de mãos e números das mãos de modos distintos em





cada um dos contextos. O sinal  presente acima, nas tabelas 4 e 6, tem uma mão com a configuração oval. No exemplo (13), o vídeo em língua de sinais pode ser acessado por meio

do *QR-code*. Dois sinais de pronomes interrogativos com a configuração de mão  são usados no início das perguntas, com duas expressões do tipo *mouthing* (com origem na língua falada) realizadas de forma consecutiva: “porque” e depois “para que”. Com isso, há duas possíveis traduções mostradas nas sentenças abaixo, que veiculam sentidos de valor semântico interrogativo como pergunta retórica causal e, depois, final. O contexto de realização do exemplo (13) mostrou a situação em que os participantes Surdos discutem sobre os prós e contras ao uso do implante coclear.

Exemplo 13 – O uso de *mouthing* associado à produção do sinal .



Uma mão de sinal:  e  nos contextos em Libras:

Situação da Frase n.6: Discutem sobre os prós e contras ao uso do implante coclear.



E(então)

___ exp.interrog.
___ [por]
Qalcachofra

___ exp.interrog.
___ [para que]
Qalcachofra

IC (implante coclear)



SE

DEPENDER

TIRAR



https://www.youtube.com/watch?v=Xel_kmpNI60

Possível tradução: Então, **porque** o implante coclear, se às vezes vai tirar?
Então, **para que** o implante coclear, se às vezes vai tirar?

Fonte: Elaborado a partir do Corpus de Libras (2022).

As ideias anteriormente debatidas mostram os resultados finais da pesquisa, especialmente no que diz respeito aos usos dos elementos linguísticos analisados. Na continuidade, a partir do aprofundamento teórico e da compilação dos resultados, incluindo os gráficos, acreditamos que poderemos tecer e aprofundar novas e importantes considerações sobre o tema dissertado.

Com base na nossa descrição, nós analisamos as variáveis de uso do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow$ em diferentes contextos na função semântica em Libras, como pergunta plena, pergunta retórica, pergunta semi-retórica e sentenças subordinadas em Libras.

Como dissemos anteriormente na fundamentação teórica da seção 3.3 Variação Linguística e gramaticalização em língua de sinais, em que apresentamos na proposta de Freitag e Araujo (2010) e Silva e Santos (2015) sobre o *continuum* de gramaticalização:

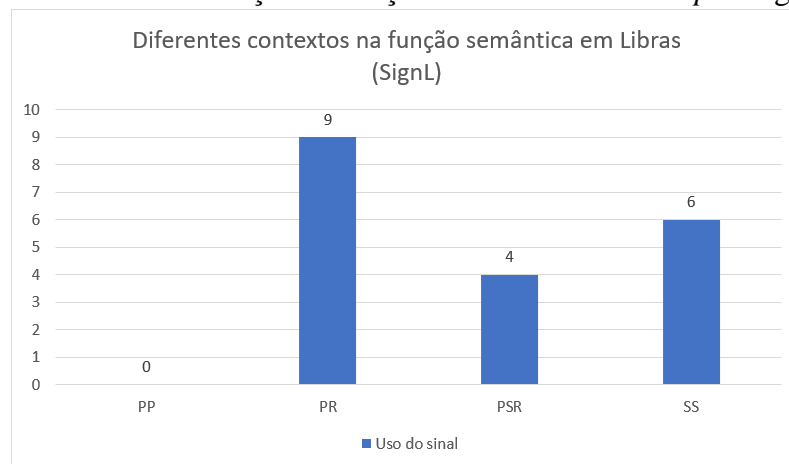
Figura 24 – *Continuum* de gramaticalização



Fonte: Baseado em Freitag e Araujo (2010).

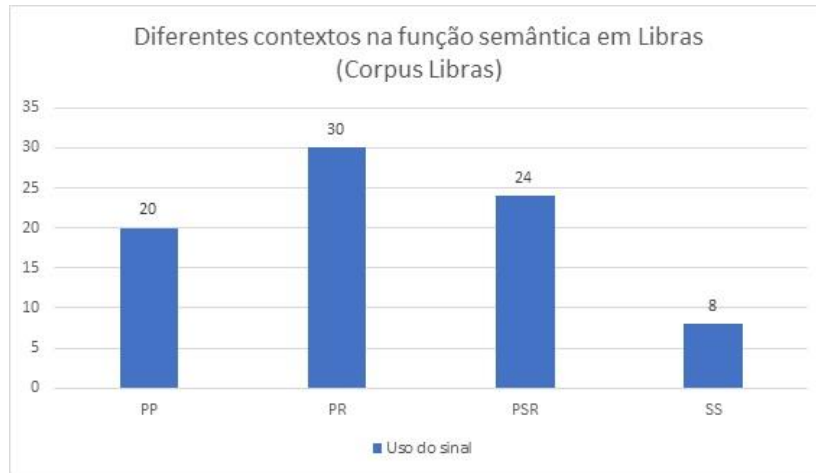
Com essa base e os dados encontrados, apresentamos os resultados dessa análise nos gráficos 9 (minicorpus SignL) e 10 (corpus Libras), que representam as diferentes variáveis de uso do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow$ em cada contexto específico, como pergunta plena (PP), pergunta retórica (PR), pergunta semi-retórica (PSR) e sentenças subordinadas (SS).

Gráfico 9 - Distribuição da função semântica – *minicorpus* SignL



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 10 - Distribuição da função semântica – Corpus da Libras



Fonte: Elaboração própria.

Os gráficos mostram a função semântica em Libras, com as variáveis de interesse do uso de sinal $\uparrow\downarrow\uparrow$ $\uparrow\downarrow\uparrow$. Nós percebemos que nossa proposta tem uma diferença em relação às línguas orais no contexto da função semântica, pois o sinal é usado, além dos três tipos de perguntas, nas línguas de sinais (plena, retórica e semi-retórica), sentenças subordinadas.

Na análise, observamos que casos de pergunta semi-retórica se aproximam de casos de subordinação, sendo algumas vezes difícil fazer a distinção. Entendemos que essa sobreposição aponta para uma possível explicação sobre o uso do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow$ $\uparrow\downarrow\uparrow$ com função de complementizador em orações subordinadas. Desse modo, propomos que para a libras um possível *continuum* de gramaticalização poderia representar esse processo:

Figura 25 - *Continuum* de gramaticalização do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow$ $\uparrow\downarrow\uparrow$.

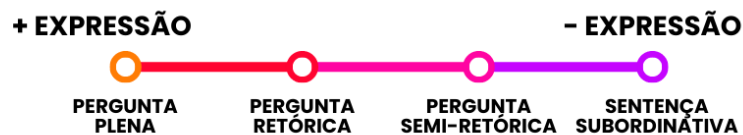
Pergunta plena > pergunta semi-retórica > sentença subordinada.

Fonte: Elaboração própria.

Ainda que nossos resultados não sejam conclusivos, entendemos que marcadores não manuais associados ao contexto de pergunta poderiam ser menos marcados nos contextos de uso do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow$ $\uparrow\downarrow\uparrow$ em estruturas de subordinação. Sendo assim, a Figura 25 pode representar parte do processo de emergência da conjunção subordinada $\uparrow\downarrow\uparrow$ $\uparrow\downarrow\uparrow$ na libras, em que esse sinal passa a ser usados em contextos ambíguos entre pergunta semirretórica e

subordinação, indicando uma possível rota de gramaticalização. Desse modo, observamos, tal como ilustrado na Figura 26, que as marcas não manuais mais características de contextos de pergunta vão se atenuando ao longo do processo de gramaticalização. Todavia, é preciso salientar que marcadores não manuais como arqueamento de sobrancelha estão também associados à introdução de informação nova e não apenas à marcação de interrogativas. Estudos futuros poderão explorar mais detalhamento esse aspecto.

Figura 26 – Intensidade de expressão facial



Fonte: Elaboração própria.

A sentença subordinativa se aproxima mais da pergunta semi-retórica. Ocasionalmente, uma expressão facial neutra pode causar ambiguidade para distingui-las, conforme mostra a Figura 27.

Figura 27: Diagrama representando intersecção entre pergunta semi-retórica e sentença subordinativa



Fonte: Elaboração própria.

O diagrama de venn da intensidade de expressão facial, que é observada na figura 27, ajudou a ilustrar a base teórica: “Os sinais manuais são frequentemente acompanhados por expressões faciais que podem ser consideradas gramaticais” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 131). Além disso, conforme Quadros (2019, p. 106), “há dois tipos de sentenças interrogativas

(...): as sentenças QU envolvendo pronomes interrogativos QUEM, O-QUE, COMO, ONDE, POR QUE, QUAL, e sentenças interrogativas polares (sim/não)”.

4.2.1 Contextos de uso do sinal

As perguntas plenas, retóricas e semi-retóricas QU têm *mouthings* associados como ‘por que’, ‘para que’, ‘o que’ e ‘como’. Vamos abordar como cada tipo de pergunta pode ser utilizado de acordo com sua função, com base em exemplos:

4.2.1.1 Pergunta plena




- 4- Pergunta plena (PP): essa pergunta é formulada com o objetivo de obter informação direta e específica, ou seja, uma resposta de outra pessoa. Ao realizar uma pergunta plena em Libras, a estrutura gramatical apropriada seria:

Exemplo de PP em Libras:



Resposta de outra pessoa:



		
FAZER-NADA	RESUMO	
https://www.youtube.com/watch?v=OUDjRZKbOyQ		
Possível tradução:		
<ul style="list-style-type: none"> - Como é o tema da história? - É importante explicar que a escolha do implante pode causar sofrimento, dores de cabeça, incômodo pelos ruídos, explicar sobre tudo que envolve o implante. 		




4.2.1.2 Pergunta retórica

- 5- Pergunta retórica (PR): essa pergunta é formulada de maneira retórica e não se espera uma resposta direta. Ela é usada para expressar uma afirmação, enfatizar um ponto de vista ou persuadir o interlocutor.

Exemplo 10 na frase 2 de PR em Libras:

				
CERTO+		CRESCE (eco) ¹¹	CERTO	IDADE
				
50	PARA-QUE	VELHO	IX(orelha)	

¹¹ A resposta-eco é a repetição do verbo da pergunta, neste caso o interlocutor disse “CRESCE” e por isso o outro sujeito Surdo também sinaliza “cresce”, porém com a configuração de mão ao contrário, mas mesmo levantamento da cabeça, parecendo uma imitação.

		
VELHO	PRONTO	
https://www.youtube.com/watch?v=gCb7PnsxTBc		
Possível tradução: Isso...Crescimento...Exatamente... Com 50 anos para que o implante se já está idoso?		

4.2.1.3 Pergunta semir-retórica

- 6- Pergunta semir-retórica (PSR): essa pergunta é formulada de maneira semir-retórica, mas a pessoa que pergunta também pode fornecer a resposta logo em seguida. No entanto, não é necessariamente obrigatório que a resposta venha da mesma pessoa que fez a pergunta. A presença de um pronome interrogativo com ou sem preposição dependerá do contexto da pergunta.

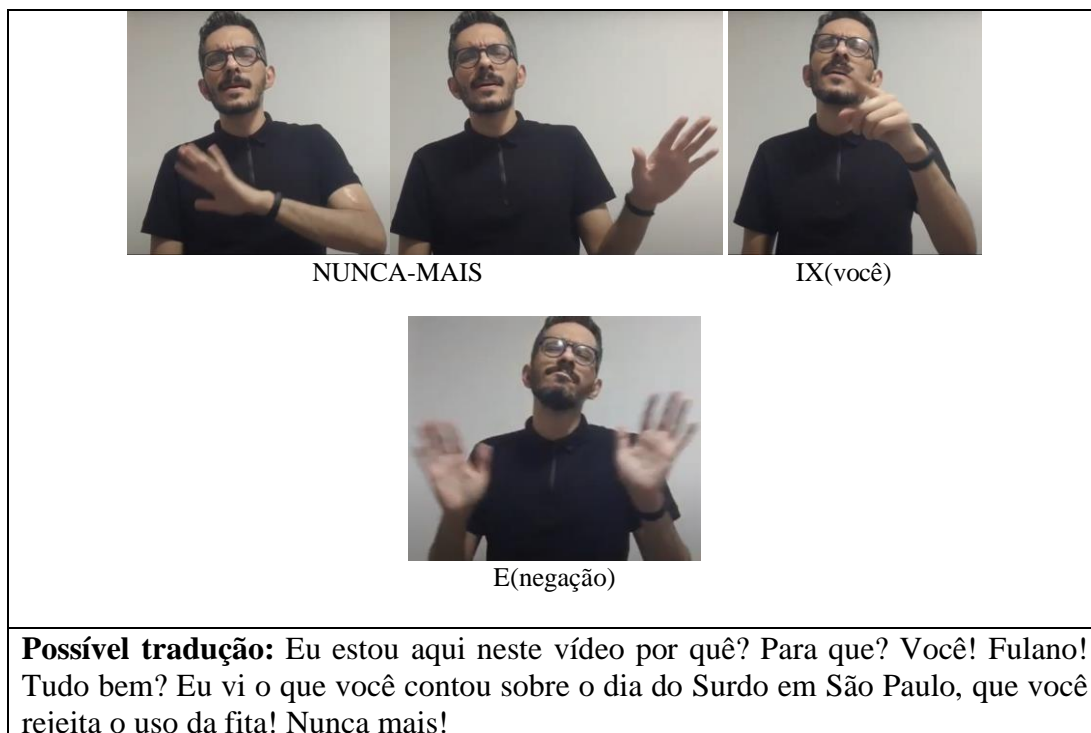
Na prática, a resposta pode ser implícita ou fornecida logo seguida pela mesma pessoa que fez a pergunta. A intenção é enfatizar um ponto de vista, expressar uma opinião ou direcionar a reflexão do interlocutor.

Exemplo 10 na frase 1 de PSR em Libras:

			
IX(eu)	AQUI	VÍDEO	
			
PORQUE?	PARA-QUE?		https://www.youtube.com/watch?v=Ve7mNEo84zs

Resposta da mesma pessoa:

			
MOTIVO	IX(eu)	VER	IX(ele)
			
SINAL(fulano)	ISSO	SINAL(fulano)	BOM
			
E(positivo)	IX(eu)	IX(você)	EXPLICAR
			
SÃO-PAULO	SOBRE	FITA	
			
IX(você)	REJEITAR		



Conforme Liddel (1980, p.13), “a face do sinalizador raramente é neutra ou descontráida”. Mostramos nas imagens anteriores como as expressões faciais acontecem nos diferentes contextos de acordo com a função semântica em Libras no processo de gramaticalização, usando os símbolos de + expressão e - expressão.

4.2.1.4 Subordinação

7 – Sentença subordinada: é uma construção em que uma oração depende ou está subordinada a outra. Nesse caso, a oração principal contém um verbo transitivo, que é um verbo que exige um objeto direto para completar seu sentido. A oração subordinada completa ou complementa o significado da oração principal.

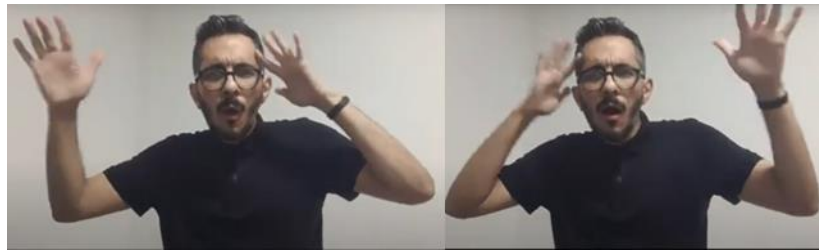
Exemplo 11 na frase 3 de SS em Libras:



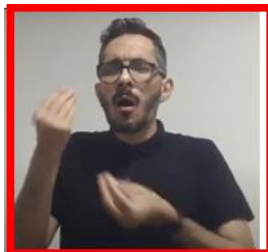


PROFUNDO

SABER



TEORICA



COMO



SINTAXE



MORFOLOGIA



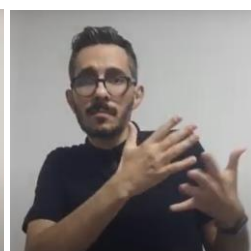
VARIEDADE



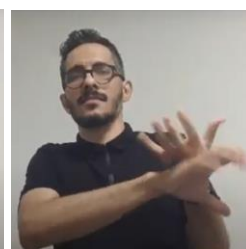
DENTRO



LIBRAS



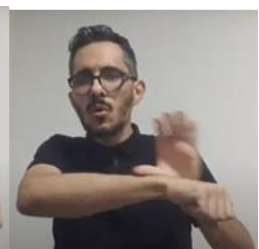
DENTRO















DISCIPLINA



CURSO



		
GRADUAÇÃO		FACULDADE
		
UNIVERSIDADE		VÁRIOS-LUGARES
		
MOTIVO	MAIS+	
		
VALOR	IX(libras)	

<https://www.youtube.com/watch?v=mkgb7oiZSo4>

Possível tradução: Este curso é mais aprofundado, é para saber mais a teoria a respeito da sintaxe, morfologia etc. da Libras em disciplinas dos cursos universitários, por isso ele tem muito mais valor.

4.3 Discussão

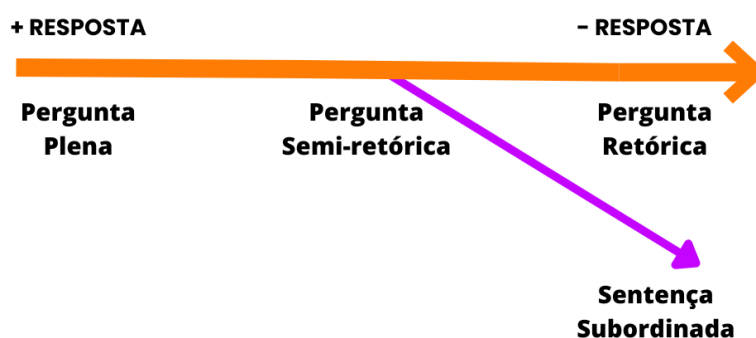
Anteriormente, alguns autores já haviam discutido as sentenças interrogativas, distinguindo entre pronomes interrogativos e polares (sim/não), como mostrado por Ronice Quadros (2019). Ulrike Zeshan (2004b) demonstrou que diferentes tipos de perguntas são marcados por diferentes posições das sobrancelhas. Roland Pfau e Josep Quer (2010) mostraram que perguntas QU- são acompanhadas por um franzimento das sobrancelhas, frequentemente combinado com uma leve inclinação da cabeça para trás. Além disso, Freitag

e Araujo (2010) avançaram nessas propostas, abordando três tipos de perguntas (plena, semir-retórica e pergunta retórica).

O *continuum* de gramaticalização proposto mostra uma sequência em que as perguntas evoluem de uma forma mais direta e informativa (pergunta plena) para formas mais interativas e expressivas com respostas implícitas (pergunta semir-retórica) e, finalmente, para perguntas retóricas, que são feitas não com o objetivo de obter uma resposta, mas para enfatizar um ponto.

O *continuum* de gramaticalização é desviado para sentenças subordinadas, que fornecem uma estrutura mais complexa e completa para expressar a resposta pretendida, surgindo a partir das perguntas semir-retóricas:

Figura 28 – *Continuum* de gramaticalização a partir das perguntas semir-retóricas para sentenças subordinadas



Fonte: Elaboração própria.

As descobertas do estudo respondem diretamente às questões de pesquisa apresentadas no início do trabalho: como aconteceu a mudança linguística e a gramaticalização em Libras e qual é a função gramatical do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow\uparrow\downarrow\uparrow$. Com essas conclusões, a pesquisa contribui para o entendimento e aprofundamento do conhecimento em libras, bem como para a compreensão das características linguísticas das línguas de sinais. Após mencionar a existência dos Quadros 3 e 4, podemos seguir para a tabela resumida de cada quadro:

Quadro 3: Diferentes contextos de uso do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow\uparrow\downarrow\uparrow$ na função semântica

Função semântica	Corpus da Libras	Minicorpus SignL	Total	%
Pergunta Plena	20	0	20	19,80%
Pergunta Retórica	30	9	38	38,12%

Pergunta Semir-retórica	24	4	30	28,71%
Sentença subordinada	8	6	13	13,37%
Total	82	19	101	100,00%

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Quadro 3 apresenta diferentes contextos de uso do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow$ em libras, mostrando distintas funções semânticas associadas a esse sinal com os marcadores não manuais (representados pelos símbolos de +expressão e -expressão) e como eles estão associados às funções semânticas em cada tipo de pergunta e em sentença subordinada.

Agora, vamos avançar com apresentação da função gramatical no Quadro 4:

Quadro 4: Uso do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow$ na função gramatical

Função Gramatical	Corpus da Libras	Minicorpus SignL	Total	%
Pronome interrogativo	74	13	87	86,14%
Conjunção	6	3	9	8,91%
Pronome relativo	2	3	5	4,95%
Total	82	19	101	100,00%



Fonte: Elaborado pelo autor.

As porcentagens apresentadas no Quadro 4, mostrando que mais de 86,14% do uso do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow$ é como pronome interrogativo, 8,91% como conjunção e 4,95% como pronome relativo, fornecendo uma visão quantitativa importante sobre a função gramatical desse sinal na língua de sinais.


A abordagem de utilizar dois corpus para a análise do uso do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow$ é um aspecto relevante da nossa pesquisa. Ao fazer isso, estamos reforçando a robustez dos nossos resultados e enriquecendo a compreensão da função gramatical desse sinal em diferentes contextos.


As descobertas e as evidências apresentadas em nossa pesquisa têm o potencial de contribuir significativamente para o conhecimento e a compreensão das características linguísticas das línguas de sinais e, especificamente, da libras. Além disso, ao avançar na identificação da função gramatical de conjunção e pronome relativo do sinal $\uparrow\downarrow\uparrow$, estamos expandindo o entendimento da língua de sinais em sua complexidade e diversidade.

5. Conclusões finais


Neste trabalho, apresentamos um estudo dos usos do sinal  na libras. Nossa análise considerou dados reais produzidos por Surdos sinalizantes nos *minicorpus* SignL e Corpus da Libras para mostrar aspectos relacionados à categorização e aos valores semânticos desse sinal .


Em primeiro momento, analisamos os vídeos em Libras e apresentamos os sinais por meio de *signwriting*, glosas em Libras e fotografias. Também colocamos possíveis traduções em língua portuguesa na legenda. Discutimos considerando os problemas de glosas, que podem ser usadas para se referir a sinais que variam tanto em relação à expressão *mouthing* e o número de mãos, quanto à ordem distribuição sintagmática e semântica e a função gramatical. Estudamos de forma aprofundada sobre a gramática da língua de sinais.

Em segundo momento, analisamos os resultados alcançados nas planilhas de Excel em *minicorpus* SignL e Corpus da Libras sobre os valores semânticos associados ao sinal , considerando seu uso em sentenças que veiculam valores semânticos distintos (exemplos 10 a 13) nas situações das frases geradas 1 a 6, nas tabelas 3 a 6 e nos gráficos 1 a 4, quantas casos com *mouthings* e com número de mãos.



Durante a coleta de dados, observamos também o sinal  usado em sentenças interrogativas e sentenças finais, com uma mão de configuração oval e expressões *mouthing* simultâneas cujo movimento tem origem na língua falada “como”, “por que”, “para que” e “o que”, em sentenças que veiculam sentidos de valor semântico interrogativo como pergunta retórica causal e final.


Em nosso estudo, avançamos com uma nova proposta teórica sobre o *continuum* do processo de gramaticalização na Língua Brasileira de Sinais. Nossa proposta é dividida em quatro estágios: pergunta plena, pergunta retórica, pergunta semi-retórica e sentença subordinativa, acompanhados pelos símbolos de +expressão facial e -expressão facial.


Nossa pesquisa consiste em uma proposta teórica avançada e inovadora na qual identificamos um sinal , apresentando sua função gramatical e sua relação com a função sintática e semântica. Além disso, identificamos os marcadores não manuais, que são


representados pelos símbolos de +expressão e -expressão. Com essas estratégias metodológicas, obtivemos resultados inéditos em relação à pesquisa sobre os usos de  na Língua Brasileira de Sinais, abordando variação linguística e gramaticalização.

A partir dessa investigação, constatamos que não há referências nos dicionários de Libras ou em outras pesquisas sobre os diferentes tipos de perguntas que podem ser expressas

pelo sinal . Além disso, a observação sobre o uso de  na subordinação como conjunção e pronome relativo em orações subordinadas é uma contribuição inédita desta investigação, uma vez que tal fenômeno não foi mencionado em trabalhos anteriores. Nossa pesquisa demonstrou, de forma convincente, como o *continuum* de gramaticalização sustenta

essa nova perspectiva, reforçando a função de  como conjunção e pronome relativo em orações subordinadas.

Percebemos ficar mais claro na discussão sobre a relação entre gesto e língua de sinais que qualquer forma de uso de  varia de acordo com o contexto da situação de comunicação na pragmática e na semântica, tanto para as pessoas Surdas no caso das línguas de sinais, quanto para as ouvintes no caso de gestos.

Dessa forma, esperamos ter podido oferecer, como nossas análises, novo subsídios para o entendimento dos usos e funções gramaticais de  na Libras, abordando a variação linguística e o processo de gramaticalização. Esperamos que esse trabalho pioneiro estimule novas pesquisas e avanços no campo da linguística da Libras e, conseqüentemente, na compreensão das línguas de sinais em geral.

A importância de explorar a gramática e a semântica da Libras vai além de seu contexto específico, contribuindo para uma melhor compreensão da diversidade linguística e cultural presente nas comunidades Surdas ao redor do mundo.

Diante disso, acreditamos que o avanço contínuo na pesquisa linguística de línguas de sinais é fundamental para promover a inclusão, a valorização da diversidade e a garantia dos direitos linguísticos das comunidades Surdas.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Andréia Silva; FREITAG, Raquel Meister Ko. Quem pergunta quer resposta!?” – perguntas como estratégias de interação na escrita. **Via Litterae: Revista de Linguística e Teoria Literária**, v. 2, n. 2, p. 321-335, 2010.
- BAGNO, Marcos (2012). **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso [Speech Genres]**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164p.
- BARROS, Mariângela Estelita. **Elis - Escrita das Línguas de Sinais: proposta teórica e verificação prática**. 2008. 197 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2008.
- BOYES BRAEM, Penny; SUTTON-SPENCE, Rachel. **The Hands are Head of the Mouth: the mouth as Articular in Sign Languages**. Hamburg: Signum Press, 2001. 291p.
- BRANCHINI, C.; MANTOVAN, L. **A Grammar of Italian Sign Language (LIS)**. Venezia: Edizioni Ca' Foscari-Digital Publishing, 2020. Disponível em: <https://edizionicafoscari.unive.it/media/pdf/books/978-88-6969-474-5/978-88-6969-474-5_svXINjT.pdf>. Acesso em: 18. nov 2022
- CASTANHEIRA, Dennis; CEZARIO, Maria Maura. **A ordenação de locuções adverbiais de tempo em cartas jesuíticas dos séculos XVI e XVII**. *Signotica (UFG)*, v. 28, p. 557-580, 2016.
- CAPOVILLA, Fernando César et al. **Manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em rede para surdos**. São Paulo: USP/IP, 1998.
- _____. RAPHAEL, W. D; TEMOTEO, J. G; MARTINS, A. C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos. v. 1: Sinais de A a D**. São Paulo: EDUSP, 2017.
- _____. RAPHAEL, W. D; TEMOTEO, J. G; MARTINS, A. C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos. v. 3: Sinais de P a Z**. São Paulo: EDUSP, 2017.
- CHAFE, Wallace. **Discourse, consciousness and time: The flow and displacement if conscious experience in speaking and writing**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- DANES, Frantisek. **On Prague School Functionalism in Linguistic**. In: DIRVEN, R.; V. (Eds.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987, pp. 3-38.
- DE JORIO, Andrea (2000). **Gesture in Naples and Gesture in Classical Antiquity**. A translation of *La mimica degli antichi investigata nel gestire napoletano (1832)*, and with an Introduction and Notes, by Adam Kendon. Bloomington: Indiana University Press.

DIADORI, Pierangela. (1990) *Senza Parole. 100 Gesti degli Italiani*. Rome: Bonacci.

DIZEU, L. C. T. DE B.; CAPORALI, S. A.. **A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito**. Educação & Sociedade, v. 26, n. 91, p. 583–597, 2005.

FARIA-DO-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma proposta lexicográfica**. 2009. 275 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília. Instituto de Letras. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Brasília, 2009.

FELIPE, Tanya A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais-Libras. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 8, p. 67-89, 2013.

FERREIRA BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Babel, 1995.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **“É o que?” Estratégia de interação ou de sequenciação?**. In: Seminário do Gel, 57, 2009, Programação. Ribeirão Preto (SP): GEL, 2009. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=5166-09>>. Acesso em: 15 jul. 2009.

FREITAS JR, R. et al. **Será um grande de aprendizado: uma análise descritiva dos aspectos linguísticos da escrita de surdos em PBL2 – interfaces entre textualidade, uso e cognição no estado de interlíngua**. Pensares em revista, v. 01, p. 07-29, 2018.

GAMA, Flausino José da C. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & S. Laemmert, 1875.

GESSER, A. **Libras? Que Língua É Essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. Parábola Ed., 2009 Vol. 14.

HALLIDAY, Michael A.K. *Explorations in Functions of Language*. London: Edward Arnold, 1973a.

_____. *An Introduction to Functional Grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

HELLWIG, B.; GEERTS, J. **ELAN – Linguistic Annotator**. Versão 6.2. Disponível em <https://www.mpi.nl/corpus/manuals/manual-elan.pdf>. Acesso em 06. jul. 2021.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. v.3. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.

HOPPER, P. J; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1993].

ILOGTI DE SÁ, Érika Cristine. **Aconteceu em 2015 e En 2015 il est arrivé: ordenação dos circunstanciais temporais e aspectuais no português e no francês**. 222 f. 2015. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

KENDON, Adam. **Gestures as illocutionary and discourse structure markers in southern Italian conversation**. *Journal of Pragmatics*, 1995, 23: 247-279.

_____. **Gesture: Visible action as utterance**. Cambridge University Press, 2004.

KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. **The Signs of Language**, Cambridge, MA.: Harvard University Press, 1979.

KNAPIK, Danilo da Silva; ROCHA, Solange Maria da. **Edouard Adolphe Huet: notas biográficas**. In: SOUZA, Rita de Cácia Santos; VITORINO, Anderson Francisco; SOUZA, Adriana Alves Novais (orgs.). *Educação de surdos: representações e diálogos contemporâneos*. Aracaju, SE: Criação Editora, p. 17-39, 2022. Disponível em <https://editoracriacao.com.br/educacao-de-surdos-representacoes-e-dialogos-contemporaneos/> Acesso em: 20 out. 2022.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

LEITE, T. de A. **A segmentação da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. 2008. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEITE, T. de A.; AMPESSAN J.P.; BOLDO, J.; TASCALOHN, J.; AZEVEDO, G. S. de O. **Semântica lexical na libras: Libertando-se da tirania das glosas**. *Revista da ABRALIN, [S.I.]*, v. 20, n. 2, p. 1-23, 2022. DOI:10.25189/rabralin.v20i3.1833. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1833>. Acesso em: 19 dez. 2022.

LIDDELL, Scott K. **Think and Believe: Sequentiality in American Sign Language**. *Language*, Washington, D.C., v. 60, n.2, p. 372-99, jun. 1984.

_____. **American sign language syntax**. The Hague: Mouton, 1980.

LIRA, Guilherme de Azambuja; SOUZA, Tanya Amara Felipe de. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais - Versão 3**. Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>>. Acesso em: 16. jun 2022.

_____. **Dicionário da Língua Brasileira de Sinais – Versão 2**. Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.acessobrasil.org.br/libras>>. Acesso em: 10. dez 2020.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. **Predicação verbal e impersonalização discursiva: gradiência e alternância na Gramática de Construções do Português** (Verbal predication and discursive impersonalization: gradience and alternation in the Portuguese Construction Grammar). *Estudos da Língua(gem), [S. l.]*, v. 18, n. 1, p. 65-84, 2020. DOI: 10.22481/el.v18i1.6131. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6131>. Acesso em: 19 dez. 2022.

MARTELOTTA, M. E. T. **Trajetórias verbo > marcador discursivo**. In: VOTRE, S. J.; MARTELOTTA, M. E. T. **Trajetórias de gramaticalização e discursivização**. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ 1998.

_____. **Uso do marcador discursivo tá?** In: Veredas, v.1, n.1, p. 89-106, 1997.

_____. ALCÂNTARA, F. **Discursivização na partícula né?**. In: MARTELOTTA, M. E. T.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (Org.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: departamento de Linguística e Filologia UFRJ, 1996. p. 277-291.

MEILLET, Antoine. 1866-1936. **A evolução das formas gramaticais**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2020.

MONTEIRO, Myrna Salerno. **A interferência do Português na análise gramatical em Libras: o caso das preposições**. Orientador: Tarcísio de Arantes Leite. 2015. 250f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MUNARI, Bruno. (1963) **Suplemento al dizionario italiano**. Milan: Muggiani.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. 1. ed. 1ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2021.

NICHOLS, Johana. Functional Theories of Grammar. *Annual Review of Anthropology*, v. 43, pp. 97-117, 1984.

OATES, E. **Linguagem das Mãos**. 1 ed. Rio de Janeiro; Gráfica Editora, 1969.

OATES, E. **Linguagem das Mãos**. 20 ed. Aparecida: Editora Santuário, 1990.

OUSHIRO, Lívia. (2014). “Transcrição de entrevistas sociolinguísticas com o ELAN”. In Raquel Meister Ko. Freitag (Organizadora). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blücher. p. 117-132. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMLS-9cap>. Acesso em: 30 jul. 2019

PADDEN, Carol A.; HUMPHRIES, Tom L. **Deaf in America: Voices from a culture**. Harvard University Press, 1988.

_____. Sign Language Geography. In: MATHUR, G.; NAPOLI, D. (eds.) **Deaf Around the World: The Impact of Language**, p. 19-37. Oxford: Oxford University Press, 2011.

PFAU, Roland; QUER, Josep. **Nonmanuals: their grammatical and prosodic roles**. na, 2010.

PÊGO, Carolina Ferreira (2021). **Articulação-Boca na Libras: Um Estudo Tipológico Semântico-Funcional**. 158f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

POGGI, Isabella. (1983) **La Mano a borsa: analisi semantica di un gesto emblematico olofrastico**. In *Comunicare senza Parole*, G. Attili and P.E. Ricci-Bitti, eds. Rome: Bulzoni, p. 219 - 238.

QUADROS, Ronice M. de; SCHMITT, Deonísio; LOHN, Juliana T; LEITE, Tarcísio de A.; e colaboradores. **Corpus de Libras**. Disponível em: <https://corpuslibras.ufsc.br/>. Acesso em 05 mai. 2022.

_____. SILVA, Jair Barbosa; ROYER, Miriam. **Gramática de Libras: questões metodológicas**. Dossiê - Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 5526 - 5542, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77418>>. Acesso em: 12 mai. 2022.

_____. KARNOPP, Lodenir. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**, 2004.

_____. SILVA, Jair Barbosa; MACHADO, Rodrigo Nogueira; LUDWIG, Carlos Roberto. **Inventário Nacional de Libras**. Dossiê - Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 5526 - 5542, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77334>>. Acesso em: 13 jul. 2022.

_____. **Libras**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

RODRIGUES, Angélica; SOUZA, Joyce Cristina. **Gramaticalização do sinal “motivo” na língua brasileira de sinais: uma análise baseada no uso**. Revista do GEL, v. 16, n. 1, p. 53-82, 2019. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>>. Acesso em: 11 nov. 2021.

RODRIGUES, A. **Gramaticalização de conjunções na Língua Brasileira de Sinais: um estudo sobre a mudança linguística nas línguas de sinais**. São Paulo: Unesp, 2022. Tese de Livre-docência.

SILVA, Camilo Rosa; SANTOS, José Carlos Lima dos. Perguntas retóricas: entre a gramaticalização e a discursivização. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 19, n. 2, 2015.

SOFIATO, Cassia Geciauskas. **Do desenho à litografia: a origem da língua brasileira de sinais**. 2011. 265 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1615467>>. Acesso em: 4 jan. 2023.

_____; REILY, Lucia. **Justaposições: o primeiro dicionário brasileiro de língua de sinais e a obra francesa que serviu de matriz**. Revista Brasileira de Educação Especial [online]. 2012, v. 18, n. 4 [Acessado 7 Julho 2022] , pp. 569-586. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000400003>>. Epub 04 Jan 2013. ISSN 1980-5470. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382012000400003>.

STOKOE, William C. and Jr.,. **Classification and description de Sign Languages**. Part 1, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 1974, pp. 345-372. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783111659916-011/pdf>>. Acesso em: 3 jan. 2023.

_____. CASTERLINE, Dorothy C. CRONEBERG, Carl G. **A Dictionary of American Sign Language on Linguistic Principles**. Washington, D.C.: Linstok Press, 1976. [Primeira edição publicada em 1965].

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Gestos buco-faciais nas línguas de sinais** (Palestra). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET). Florianópolis – SC. UFSC. 15 abr. de 2011.

SUTTON, Valerie. **History of SignWriting - Chapter 3: SignWriting Early Years in USA 1975 - 1980**. SignWriting Site. La Jolla, CA, 1996. Disponível em: <<https://www.signwriting.org/library/history/hist004.html>>. Acesso em: 7 jul. 2022.

_____; FROST, A. SignWriting - sign languages are written languages! Part 2: SignWriting hand symbols. La Jolla, CA: Center for Sutton Movement Writing, Inc. 2011. Disponível em: <<https://www.signwriting.org/lessons/books/index.html#ISWAHands>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo, Ática: 1993.

XAVIER, A. N; BARBOSA, P. A. **Com quantas mãos se faz um sinal? Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras)**, Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura, [S. I.], v. 15, n. 1, p. 111-128, 2013. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/5286>>. Acesso em: 23 dez. 2022.

ZESHAN, Ulrike. **Interrogative constructions in signed languages: cross-linguistic perspectives**. 80 (1), p. 7-39, 2004b.